



**Faculdade e Seminário
Teológico Nacional**
**Cursos Online de Teologia
Ensino à Distância**

CURSO SUPERIOR EM TEOLOGIA

DISCIPLINA: SOTERIOLOGIA



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

CONCEITO GERAL

Soteriologia (Do gr. = ciência da salvação). É a parte da Teologia e da Cristologia que diretamente trata da redenção da humanidade pecadora pelo sacrifício de Jesus Cristo. Enviado pelo Pai, feito homem em tudo igual aos homens exceto no pecado, em nome deles e em seu proveito, ofereceu a vida na Cruz para remir o pecado da humanidade e abrir-lhe as portas do Céu. Esta redenção oferecida gratuitamente apela à aceitação por cada homem dos merecimentos de Jesus Cristo, mediante os meios de salvação e santificação, objeto de outras secções da Teologia.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

01 - DEFINIÇÃO DO TERMO.

Em teologia nos costumamos usar termos técnicos, termos próprios da ciência teológica, da mesma forma como a medicina usa palavras próprias dos estudos médicos, como por exemplo: os médicos empregam a palavra “cardia” em lugar de “coração”, sendo que “cárdia” é uma definição grega para a palavra, daí deriva “cardiologista”, ataque “cardíaco” etc. Em teologia usamos a palavra **Soteriologia** para definir tudo o que se relaciona com “salvação”, pois a palavra deriva de SOTER que em grego significa: “salvação” “libertação” “preservação”. Note-se de início que uma palavra grega pode ter mais do que um significado.

Para guardar na memória: Soter é uma palavra grega que significa: Salvação, Libertação e Preservação. – Léxico do Novo Testamento Grego Português, de F. Wilbur Gingrich, Edições Vida Nova, 1993, página 202.

Para se ter uma noção básica do uso da palavra: recomendamos a leitura dos seguintes textos: Deus como sendo Salvador, Libertador e Preservador – Lucas 1:47; 1 Timóteo 1:1; 2:3 e 4:10; Tito 1:3; 2:10 e 3:4; Judas 25. Jesus como sendo Salvador, Libertador e Preservador Lucas 2:11; João 4:42; Atos 5:31; 13:23; Efésios 5:23; Filipenses 3:20; 2 Timóteo 1:10; Tito 1:4; 2:13; 3:6; 1 João 4:14; 2 Pedro 1:1 e verso 11; 2:20; 3:2 e 18. Entre muitos outros textos.

Por que é necessário o estudo da soteriologia? Por causa da existência do pecado (Em grego: **hamartia**), portanto, hamartia é o oposto a soter, “o pecado nos separa de Deus, o pecado desarraigá-nos do meio em que devemos viver. O pecado converte a luz em trevas, o gozo em tristeza, o céu em inferno, e vida em morte. O pecado é o maior e mais terrível inimigo da alma humana. Ele destrói as promessas, mata as esperanças, dá-nos serpentes, em vez de peixes, pedra, em lugar de pão, tormento, em lugar de prazer. O pecado sempre destrói a nunca edifica. Promete, mas nunca cumpre a promessa. É como diz a Bíblia ‘O salário do pecado é a morte’” – Romanos 6:23”. Esboço de Teologia Sistemática, A. B. Lanston, Editora JUERP, página 151.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Temos então que a causa para o estudo da soteriologia é a existência do pecado, se não existisse esse mal universal, não haveria necessidade de salvação. Para compreender em toda sua plenitude a Salvação provida por Deus, devemos entender o que é o **princípio fundamental** do pecado.

O que entendemos por princípio fundamental? Em teologia devemos sempre procurar definir corretamente os termos empregados, saber o que estamos falando e porquê. Cada conceito usado deve ser explicado, pois, a teologia é **conceitual**, ou seja, define termos e conceitos de maneira correta e apropriada. Devemos entender por princípio fundamental aquilo de onde se originou o conceito, por exemplo: se nos estamos estudando sobre salvação, devemos primeiro, antes de tudo, definir corretamente de onde se originou o pecado, a sua razão de ser. Temos que descobrir a fonte de onde ele é oriundo, saber porque ele opera e porque existe na vida do homem. Em termos gerais temos que compreender, entender e saber explicar onde nasceu o pecado e porquê. Pois é do pecado que somos salvos. Na linha de compreensão, entender o pecado será entender a razão para sua solução que é: SOTER = salvação, libertação, preservação.

Para guardar na memória: O que você entende por “princípio fundamental de um conceito” teológico? Por que a teologia é conceitual? (Nota: estas perguntas são para ir guardando na memória o que estamos lendo, não necessita responder por escrito)

A melhor definição bíblica para o pecado é: um **estado** mau da alma, em que esse estado tem suas próprias manifestações que são os **atos** pecaminosos. Entendendo por estado uma posição definida, determinada, como quando falamos: qual é o **estado** de saúde do paciente? Assim, a alma que está em pecado está num **estado** mau, a alma está deteriorada e aviltada. Note-se que existem dois conceitos completamente diferentes: estado e ato. O **estado** pecaminoso é uma coisa enquanto que o **ato** do pecado é outra coisa.

Esta primeira compreensão é extraída de suas origens, das origens do pecado no homem. O relato de Gênesis é muito claro quando logo após o pecado Deus perguntou para Adão “**Onde** estás?”. Gênesis 3:9 – Note-se que é a primeira



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

pergunta de Deus logo após o pecado, **imediatamente** logo após o ato do pecado. Isto significa que Adão mudou de posição, pois “**onde**” é em hebraico (no texto original “ay”) um **advérbio de lugar**. Portanto, quem mudou foi Adão e não Deus, as mudanças sempre acontecem no homem e nunca em Deus. Deus não muda.

Agora que sabemos o princípio fundamental do pecado que é exatamente uma mudança de posição em relação a Deus, uma distância, separação. Sendo um **estado** da alma. Vejamos mais uma prova: “Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua **transgressão** e à casa de Jacó, os seus **pecados**. Mesmo neste **estado**, ainda me procuram dia a dia...” Isaías 58:1-2. Bíblia Sagrada, Revista e Atualizada, 2ª Edição, 1993. (Usamos sempre esta Versão, se houver o uso de outra Versão será indicado no texto.). Note-se no texto de Isaías a palavra “**estado**” para descrever a condição pecaminosa de Judá na época. Judá estava em transgressão e pecado, um estado da alma. Podemos entender que o pecado é um **estado de separação** de Deus lendo **Isaías 59:2**. Obviamente que entendendo dessa maneira, da maneira bíblica podemos agora compreender que o homem pode se separar de Deus por um momento ou por toda a eternidade.

A universalidade do pecado – Este estado mau da alma é universal, ou seja, significa que todos os **homens** nascem nesta condição ou posição. (usamos a palavra “**homem**” de forma genérica, nos referindo à raça humana). Todos quantos nascem neste mundo já nascem nessa posição ou estado de pecado, ou seja, nascem debaixo desse princípio fundamental. Paulo chama a este estado universal da alma de “**morte**” (leitura: Efésios 2:5).

Agora vamos sugerir uma leitura bíblica: Seguindo a orientação dos estudos realizados até aqui, a seu modo de ver, o que ensinam os seguintes textos? Salmos 143:2; Lucas 11:13; Romanos 3:10; 1 João 1:8; Lucas 6:43-45; Mateus 12:34 e Salmos 51:5-7. Se desejar se aprofundar melhor então trabalhe os textos e faça um resumo da conclusão tirada da leitura dos textos em relação com a questão do **princípio fundamental do pecado** (lembre o que você já sabe sobre princípio fundamental).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Um resumo de nossos estudos de Soteriologia

"O termo 'justificação' refere-se ao ato divino mediante o qual, com base na obra infinitamente justa e satisfatória de Cristo na cruz, Deus declara que os pecadores condenados livres de toda a culpa do pecado e de suas consequências eternas, declarando-os plenamente justos aos seus olhos"
Teologia Sistemática - Uma Perspectiva Pentecostal, Stanley M. Horton (CPAD).
Texto citado como adendo cultural.

A justificação é um ato declarativo, ou seja, uma declaração de Deus. Não é algo operado no homem, mas sim algo declarado a respeito do homem. Um ato fora de nós, por nós e completamente realizado pela soberania de Deus.

A justificação significa para o pecador arrependido, a **mudança de posição** diante de Deus de condenado para justificado (Romanos 5:1; 8:33, 34). Lembre de Gênesis 3:9 estudado nesta aula.

02 - O QUE ESTÁ ENVOLVIDO NA JUSTIFICAÇÃO.

A Remissão da Pena.

A pena para o pecado é a morte nos seus três aspectos, **espiritual, física e eterna** (Gênesis 2:17, Romanos 5:12-14; 6:23).

Esta pena foi removida de forma eficaz, completa e satisfatória na morte de Cristo, que sofreu o castigo de nossos pecados em seu próprio corpo (Isaías 53:5-6; 1ª Pedro 2:24).

Como Cristo sofreu o castigo do homem pelo pecado. Foi, portanto, uma morte substitutiva. Deus agora revoga o castigo no caso dos que crêem em Cristo (Atos 13:38-39; Romanos 8:1, 33-34; 2ª Coríntios 5:21).

Restauração ao Favor.

Um criminoso que foi perdoado pode ser restaurado a seus direitos civis, se o castigo revogado envolver a perda deles, mas não está reconciliado à sociedade. Não está restaurado ao favor de muitos que o hão de considerar ainda criminoso. A justificação, no entanto, assegura a restauração ao favor e à comunhão de Deus.

A Imputação da Justiça.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Imputar é creditar alguma coisa a alguém. É atribuir ou conferir a alguém o direito que não tinha.

A justiça de Cristo nos é imputada (2^a Coríntios 5:21; 1^a Coríntios 1:30). Estudaremos neste curso como isso se deu no caso dos salvos na época do Antigo Testamento e no Novo Testamento.

Já vimos que a origem do pecado acha-se num ato voluntário do homem. Adão não foi obrigado a pecar, e nem Eva. A queda do homem, não consiste tanto num ato, como num estado, daí a pergunta: "**Onde estás?**". O princípio envolvido é que Adão fez de si mesmo o centro de sua vida em lugar de ter feito Deus o centro de sua existência. E fazer de si mesmo o centro é escolher a própria vontade em lugar da vontade de Deus. Pelo livre arbítrio Adão podia opinar, decidir e escolher entre fazer sua vontade ou a de Deus, e foi por esse livre arbítrio que ele escolheu pecar.

Por que Deus permitiu que Satanás tentasse a Eva e Eva tentasse a Adão? Esta resposta considera uma pergunta anterior: Quem tentou a Satanás? Ele caiu sem **nenhuma tentação de fora**, pelo que se tornou mesmo Satanás, o vocábulo hebraico denota um "**adversário**" contrário a Deus. Por não ter sido tentado e ter assim mesmo se transformado num adversário perdeu toda a esperança de salvação. Nenhuma atenuante há para sua queda. E se Satanás caiu sem tentação, poderia também assim ter caído o homem, porque também foi criado um ser livre, com livre arbítrio, da forma como era o Diabo antes da queda. Agora, se o homem houvesse pecado e caído sem tentação de fora, da mesma forma como o diabo, nenhuma esperança lhe restaria. A condição do homem seria desesperadora. Portanto deve perceber a diferença significativa entre a queda de Satanás e a queda do homem, Satanás caiu sem ser tentado. O homem caiu devido à tentação.

Uma segunda observação interessante sobre a queda é a seguinte: A justiça que o homem tinha quando fora criado era uma justiça emprestada. Não era propriamente do homem, porque ele ainda não tinha feito a escolha entre o bem e o mal. Porém era necessário que a escolha fosse feita, e a vontade permissiva de Deus permite que o homem seja colocado nessa posição de escolher. A tentação, caso fosse vencida, daria ao homem a oportunidade de confirmar seu estado original, o estado



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

em que tinha sido criado, Adão e Eva poderiam fazer da justiça original, emprestada, uma justiça adquirida. Vemos então que o plano de Deus para o primeiro casal era sábio, pois lhes deu a oportunidade de se tornar verdadeiramente santos e justos. Não se poderia imaginar uma oportunidade melhor para a raça humana se firmar na justiça do que a oportunidade dada por Deus no Jardim, pois ali as circunstâncias eram favoráveis para escolher em melhores condições entre o bem e o mal. Não é assim hoje, os que escolhem decidir ao lado do bem, escolher uma posição ao lado de Deus, lutam geralmente contra grandes dificuldades. Mas, graças a Deus há ainda oportunidade para o homem escolher o bem e rejeitar o mal.

Consideremos agora a solução para o pecado.

A Justificação do Pecador.

O nascimento de Jesus foi o acontecimento mais surpreendente que já aconteceu sobre a terra. Nada igual a isto ocorreu no passado. E nada igual poderá suceder jamais. Ele nasceu de uma mulher, conforme e profecia, cresceu num humilde lar de um camponês, viajou como pregador itinerante, morreu em agonia e vergonha, se levantou da tumba e ascendeu aos céus. Os doze apóstolos foram escolhidos como testemunhas oculares destes acontecimentos. Depois Cristo escolheu um outro homem por meio do qual o Espírito Santo revelaria o verdadeiro significado daqueles acontecimentos narrados nos evangelhos. É nos escritos de Paulo que o Evangelho dado aos hebreus em forma de símbolo, sombras e promessas fica plenamente revelado.

O tema do Evangelho de Paulo é Cristo, e este crucificado para **justificação** dos pecadores (1 Coríntios 2:2; Gálatas 1:4) É certo que os demais apóstolos também deram testemunho da salvação dos pecadores por meio de Jesus; porém Paulo nos mostra como é que o Evangelho é uma revelação da justiça de Deus (Romanos 1:16 e 17). Como pode um Deus justo justificar a pecadores? Como pode a extensão da misericórdia para transgressores da Lei ser consistente com as exigências da



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Justiça divina? Estas e outras são as perguntas interessantes que devem ser respondidas, se é que o homem rebelde há de reconciliar-se com o caráter de Deus.

A palavra chave nos escritos de Paulo é **justificação**. Tanto no Antigo Testamento como no Novo, as palavras justificar e justificação têm um significado legal e judicial bem definido; são palavras que estão intimamente relacionadas com a idéia de juízo ou teste (Deuteronômio 25:1; 1 Coríntios 4:3; Mateus 12:37). A palavra justificação pode ser definida como ser alguém declarado justo por um tribunal. Quando se diz que Deus justifica a um homem, quer-se dizer que seu caso foi levado a juízo diante de Seu Divino Tribunal e que, depois de examinar o caso, declarou-se o acusado tão livre de qualquer falta ou culpa como se fosse todo ele justo e agradável a vista de Deus. Em português convencional, a palavra **aceitação** se ajusta bem ao significado de **justificação** dado na Bíblia.

Na epístola de Paulo aos **Romanos** o apóstolo propõe responder ao grito universal do coração humano: “Como, pois, seria justo o homem perante Deus?” Jó 25:4. O que significa essa pergunta é: Que posso fazer para levar Deus a aceitar-me? Então a resposta de Paulo é enfática: Absolutamente nada!

Antes de apresentar, na epístola aos Romanos o modo mediante o qual Deus alcança o homem, o apóstolo expõe a **inutilidade** do modo mediante o qual o homem tenta alcançar a Deus. Não há nem um justo, ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus, ninguém que faça o bem (Leia: Romanos 3:10-12). Paulo diz simplesmente que ninguém pode chegar a ser justo à vista de Deus mediante sua forma de agir. Aqui ele usa o tempo futuro do verbo. Ele quer dizer que nenhum mortal virá a ser considerado justo alguma vez com base em sua própria vida – “pois **todos** pecaram e carecem da glória de Deus” Romanos 3:23. Ou, ainda como diz Salomão: “Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que nunca peque”. Eclesiastes 7:20. Não há nenhuma forma de o homem se auto-justificar diante de Deus, a inutilidade de qualquer método humano de Salvação fica completamente descartado, pois a Salvação, a Libertação e a Preservação (grego = soter) só seria possível por uma intervenção divina nos assuntos humanos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Tendo abatido o orgulho humano, e havendo exposto a inutilidade de todos os meios humanos, o apóstolo nos mostra que a justificação do homem procede completamente de Deus.

A Atividade Salvador da Deus.

O Novo Testamento apresenta dois aspectos da atividade salvadora de Deus, e para estudar em detalhes estes dois aspectos vamos facilitar numerando cada um deles.

Número 1 – Obra de Deus por nós em Cristo

Número 2 – Obra de Deus em nós pelo Espírito Santo.

Perceba com atenção a diferença entre as palavras e seu profundo significado, vamos agora definir os conceitos. Lembre mais uma vez que **Teologia é conceitual**, define conceitos, explicando-os e os tornando claros.

Número 1 – A Obra de Deus por nós em Cristo, é o Evangelho. É a declaração do que Deus tem feito em Seu Filho pela família humana. Como Paulo declara: “Deus estava **em Cristo** reconciliando consigo o mundo...” 2^a Coríntios 5:19. Deus nos considera para Seu favor na pessoa de Seu amado Filho. Pois, em Cristo nosso livramento está assegurado e os nossos pecados estão perdoados (Efésios 1:6 e 7).

A Obra de Deus por nós em Cristo, esta declaração destaca a ênfase da frase EM CRISTO, por essa razão pode ser chamada também da Obra de Cristo em nosso favor. “Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras” 1^a Coríntios 15:3 Ele “foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

nossa justificação” Romanos 4:25. A repetição (duas vezes) da frase “por causa” é muito significativa para a deixar de lado, há uma CAUSA para todo o que Cristo fez!

É muito importante notar que o Evangelho é o registro do que Deus fez **FORA** de nós. Não é o registro do que Deus tem feito **em** nós; nem do que Deus fará **em** nós. Esses são aspectos posteriores. Ao contrário, o Evangelho é o registro do que Deus já fez fora de nós. O que Ele fez No Senhor Jesus Cristo. E o significativo deste primeiro aspecto (número 1) é que Deus o fez enquanto nos éramos seus inimigos, enquanto éramos pecadores, quando nos desviávamos dele mais e mais, então Deus fez alguma coisa por nós em Cristo. **Leia: Romanos 5:6-10 Procure entender com clareza o pensamento de Paulo neste trecho.**

Em Romanos 5, Paulo apresenta o contraste entre Adão e Cristo. Através da desobediência de Adão toda a raça humana se tornou pecaminosa à vista de Deus, pois o pecado de Adão não foi apenas um pecado individual, foi o pecado de uma raça, sendo ele o cabeça da família humana. Era a universalidade do pecado, pois ele contaminou a raça com o vírus chamado “morte”. Quando o diabo conquistou Adão, conquistou toda a família humana. Então era necessário um plano para resgatar o homem do império da morte. Deus redimiu a raça humana dando-nos um outro Senhor, e não mais o Diabo, dando-nos um outro pai e não mais o Diabo (João 8:44), um novo pai para permanecer como cabeça da raça humana (Isaiás 9:6). Foi em Cristo que Deus remiu a família humana. Ele comprou-nos com o precioso sangue de Cristo. Deus colocou nossos pecados sobre a cruz. Em Cristo Ele nos deu uma perfeita justiça (Romanos 5:18-19). Assim, o evangelho é o registro do que Deus fez, não em nós, mas fora de nós, em seu Filho Jesus Cristo, enquanto éramos inimigos. A verdadeira experiência cristã encontra sua alegria neste aspecto, a plenitude do evangelho se manifesta neste aspecto. Isto significa que há alegria e contentamento pela Obra de Deus **por** nós em Cristo, que é uma obra infinita, é uma obra completa. Nossa aceitação diante de Deus é baseada sobre este aspecto.

Procure entender o Evangelho: Nossa correta **posição** com Deus, e agora voltamos a usar este conceito de **posição**, ou estado da alma. Repetindo, nossa correta posição com Deus foi alienada por Satanás, ficamos separados, em posição de iniqüidade, mortos em pecados (Efésios 2:1). Sofríamos as consequências da



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

universalidade do pecado. Então Deus fez **por** nós em Cristo, o que nós não poderíamos fazer por nos mesmos. Portanto, é a experiência de Cristo que tem mérito diante de Deus, e não a nossa. Isaías 53:11 explica claramente este conceito: "... O meu servo, o justo, com o seu conhecimento, ele justificará a muitos". No hebraico original a frase "seu conhecimento" é "bedaeto" que significa mais apropriadamente "por seu **conhecer**" (compare com Isaías 50:4 e 5). Dando assim a entender que uma tradução mais correta seria "experiência". Isto equivale a dizer: "por suas feridas, por seu sofrimento, por seu viver santo, por sua morte expiatória e sua triunfante ressurreição, o meu servo, o Justo, justificará a muitos". Em outras palavras, pela experiência de Cristo Jesus é que nos somos justificados e não por nossa experiência. A verdadeira experiência cristã deve encontrar sua alegria em alguma coisa externa a si – a experiência de Jesus.

Faça um resumo com suas palavras de Romanos 3:24-26. Depois, continue lendo esta aula: Se o (a) aluno (a) já fez o resumo de Romanos 3:24-26, está preparado para estudar em detalhes os três aspectos da **justificação**, e deve entender que destes três aspectos os dois primeiros correspondem com a primeira fase da Atividade Salvador de Deus, A Obra de Deus **por** nós em Cristo.

Lembrando e ampliando os conceitos já estudados.

Número 1 – A Obra de Deus **por** nós em Cristo.

- Justificados pela graça somente – A **Fonte** da justificação
- Justificados por Cristo somente – O **Modo** da justificação.

Número 2 – A Obra de Deus **em** nós pelo Espírito Santo.

- Justificados somente pela fé – a **Condição** para receber a justificação.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Nós desejamos sua atenção e este fator significativo: lembramos a você que os **conceitos** em teologia são importantes, pois determinam uma correta compreensão dos assuntos estudados, sendo assim, preste atenção aos dois conceitos vertidos acima, notando a diferença entre **POR** nós e **EM** nós. De onde o trabalho de Deus **por** nós foi uma obra **externa** (justificação), fora de nós. Enquanto que o trabalho de Deus **em** nós é uma obra **interna** (regeneração). Ampliemos agora os detalhes desta compreensão.

Salvos pela graça somente.

A primeira parte do texto em estudo é “**Sendo justificados gratuitamente por sua graça (a do Pai)**”. Romanos 3:24. **Graça** significa misericórdia e favor mostrado para com alguém que está perdido e nada merece.

A fim de preservar a natureza gratuita da justificação, Paulo disse que os pecados são justificados “**gratuitamente**” pela graça de Deus. A palavra “**gratuitamente**” significa “sem motivo” (como em João 15:25). Por essa razão podemos afirmar que nenhum grau de crença, de obediência, de experiência, de arrependimento ou de edificação do caráter pode levar Deus a considerar-nos alguma vez justo ante seus olhos. Alguém já disse acertadamente que justificação pela graça significa a divina aceitação de pessoas que são em si mesmas inaceitáveis.

É importante notar também que Paulo não só está falando acerca de tornar-se justificado no início da vida cristã. Ele usa o tempo presente contínuo do verbo grego – “sendo justificados”. Isto inclui o **estado** de permanecer justificados, tanto como o ato de chegar a ser justificados.

Nota 1: queremos que preste atenção novamente à palavra “estado”, pois como aprendemos anteriormente, o pecado é um **estado**, assim, em contrapartida o **permanecer justificados**, segundo o texto de Paulo é também um “**estado**”.

Nota 2: **Para guardar na memória – O ato da justificação é o ato de um momento enquanto que o permanecer justificados é uma ação linear, contínua.**



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Porém, este permanecer não significa em nenhum momento um ato nosso, pelo contrário, sendo justificados, indica uma justificação que vem de fora, ou seja, nunca poderemos ultrapassar a justificação pela graça. Não podemos permanecer no favor de Deus a não ser por pura misericórdia. Se em algum momento pudéssemos apresentar-nos como aceitáveis diante de Deus baseados em nossa fé, nossa obediência ou qualquer excelência moral, já não seria mais justificação por graça. Se a justificação conforme as palavras de Paulo é dada “gratuitamente” seria uma ofensa a Deus querer “pagar” alguma coisa por ela. A **Bíblia de Estudo Almeida**, no Dicionário que acompanha essa edição, na página 61 explica assim o conceito de Graça: “bondade excepcional de Deus para com os seres humanos (como pecadores), para tornar possível o seu perdão e salvação (João 1:14; Efésios 2:4-5). Essa misericórdia imerecida está sempre disponível para aqueles pecadores que crêem no evangelho e obedecem ao Senhor (Atos 11:23; 20:32; 2Coríntios 9:14) Os cristãos primitivos usavam essa palavra quando se reuniam e se saudavam (Romanos 1:7; 1Coríntios 1:3; Gálatas 1:3)”. Em resumo a justificação pela graça somente corresponde a compreender onde está a **fonte** da justificação – Na graça divina outorgada por Deus o Pai.

Justificados por Cristo somente.

Devemos também compreender a maneira pela qual a graça opera para fazer o pecador aceitável à vista de Deus. Está escrito que o modo de nossa justificação é: **“mediante a redenção que há em Cristo Jesus”** (segunda parte do texto em estudo) Romanos 3:24. Mas também está escrito que somos justificados **“... pelo seu sangue”**. Romanos 5:9.

Os atos e a **morte do Senhor Jesus** constituem a única base de nossa aceitação para com Deus. Ele se constitui no **substituto** e garantia para pobres e perdidos pecadores. Em favor deles Jesus deu à lei uma obediência perfeita que se mede com seus mais altos reclamos. Em seu favor, pelas agonias da sua morte, pagou à lei a dívida pelas transgressões.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A Obediência ativa (vida de Cristo) e passiva (Morte de Cristo) foi de todo suficiente para assegurar a justificação de todo pecador. Disse o apóstolo Paulo: “**um morreu por todos, logo todos morreram**” 2ª Coríntios 5:14. O que isto significa dentro do conceito de justificação? No que se refere à justiça, esta pode olhar a Cristo e considerar a todo homem como morto.

Se o salário do pecado é a morte, isto é, a dívida do pecador para com a lei é a morte, então deve em algum momento pagar a dívida. Se aceitar a morte de Cristo, então ele morreu com Cristo, pagou a dívida e está justificado, não deve mais nada.

Imaginemos a cena do Juízo Final. A lei se apresenta para cobrar seu salário, aponta para este pecador e diz: Ele é um pecador, deve morrer, pagar a sua dívida. Nesse momento se apresenta Jesus, o Advogado e pergunta para a Lei: Morrer? Por que morrer? Ele já morreu, porque “um morreu por todos, logo todos morreram” 2ª Coríntios 5:14. E isto é assim porque Cristo é o **substituto** de todo homem que aceita sua morte. Isto era tão claro na mente de Paulo que ele diz: “Porque eu, mediante a própria lei, **morri** para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo **não sou eu quem vive**, mas Cristo vive em mim...”. Gálatas 2:19-20. Paulo considerava-se morto para a lei, sendo assim, a lei não poderia cobrar o débito, pois ele foi pago com o precioso sangue de Jesus.

Em vista disso, em sua epístola aos Romanos o apóstolo Paulo faz esta surpreendente declaração: “**O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação**”. Romanos 4:25. A justificação não é algo que temos que assegurar. Ela já está segura. A ressurreição de Cristo é a prova de que Deus aceitou a humanidade na pessoa de Seu Filho.

Alguém talvez pergunte: “Quer dizer que Deus já efetuou minha justificação através da morte de seu Filho?” Ao que podemos responder. Isto é precisamente o **Evangelho**. São as Boas Novas do que Deus fez. O sepulcro vazio é a prova de que Deus já perdoou nossos pecados e nos tem recebido de volta a seu favor real.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Vejamos isto na Escritura: "... **sua graça que Ele nos concedeu gratuitamente no amado**" Efésios 1:6.

Voltemos ao ponto central da soteriologia: Quando Adão desobedeceu, a condenação e o pecado passaram a toda a raça humana. E isto aconteceu assim porque ele era nosso pai, o cabeça da raça humana. Quando ele caiu, todos caíram. A condenação veio sobre nós, não por causa do que fizemos, mas por causa do que Adão fez. **"pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores"** Romanos 5:19. De modo que nós nos tornamos pecadores não por algo que aconteceu em nós, e sim por algo que aconteceu **completamente fora de nós**. Deus salvou a raça humana dando-nos outro pai: Jesus Cristo (Isaías 9:6). Da mesma maneira que todos foram condenados pelo que Adão fez, foram todos justificados pelo que Cristo fez. **"Por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida"** Romanos 5:18 **"Porque pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos"** Romanos 5:19.

De modo que é para sempre certo que a única base da aceitação para com Deus é o que Cristo já fez por nós. Cristo, e unicamente Cristo foi encontrado agradável à vista de Deus. Existe somente uma razão para nossa aceitação para com Deus – O fato de que Cristo foi aceito. Sua obediência de dois mil anos atrás é a única base de nossa aceitação para com Deus no dia de hoje.

Pela Fé somente – A condição para receber a justificação.

No que tange a Deus, Ele restituiu o mundo pecador ao seu favor tão certamente como recebeu a seu filho no Céu. Na cruz se efetuou a justificação **objetiva** de todo pecador. Ali Deus redimiu a raça. Hebreus 9:12.

À luz do **Evangelho** o homem **não** pode formular a pergunta: Me aceitará Deus? Pois, Deus **já respondeu** a esta pergunta mediante a **ressurreição** de Cristo dentre



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

os mortos. Se o pecador ainda insiste em perguntar: O que devo fazer para me salvar? Deus diz ao pecador: olha para a cruz vazia e olha para o Céu onde está a segurança de tua justificação. O homem foi aceito nas Alturas do Céu, pois já “**nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo**” Efésios 1:3.

O homem pecador já foi aceito em Cristo. Porém, Deus confronta agora o homem com uma pergunta: “Aceitarás essa tua aceitação?”, então, a fé é o “sim” a essa pergunta de Deus. A fé é aceitar o fato de termos já sido aceitos. Nossa parte é nos tornar conscientes de algo que já está em existência. Por meio da fé, a bênção da justificação é recebida e desfrutada. Este é o aspecto **subjetivo** da justificação.

Na cruz se efetuou o **aspecto objetivo** da justificação.

A aceitação da bênção da justificação já realizada é o **aspecto subjetivo**.

Por meio do Evangelho o **Espírito Santo** ilumina a alma do pecador, mostra-lhe a cruz e o aproxima de Cristo, por isso Ele guia, conduz e consola. À medida que o pecador contempla o Único que o amou e deu-se a si mesmo por ele, o **Espírito Santo** persuade de pecado de justiça e do juízo, fazendo entender que o Evangelho é verdadeiro. Numa palavra, o **Espírito** lhe dá fé. De modo que Paulo declara: “**Porque pela graça sois salvos mediante a fé, isto não vem de vós, é dom de Deus**”. Efésios 2:8 “**Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé**”. Gálatas 5:5. Neste verso é condensado o tema da soteriologia no seu aspecto subjetivo - Mediante três palavras: **Espírito, justiça e fé**.

“Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá a segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação”. Hebreus 9:28. (Edição Revista e Revisada Fiel ao Texto Original – SBTB, 1995)



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A mensagem do Evangelho gira em torno de dois grandes eventos: A primeira e segunda vinda de Cristo. Devemos agora compreender a relação que existe entre esses dois eventos e a salvação, que já sabemos em grego é **soter** = **salvação, libertação e preservação**. Portanto, este significado pleno, de salvação, assim como também de libertação e preservação deve estar sumariamente contido nestes dois eventos.

O texto citado inicialmente, cuja leitura é Hebreus 9:28, resume o que estamos analisando. A primeira vinda de Cristo foi uma oferta, pois, o texto esclarece nestas palavras: “oferecendo-se”, ou seja, o sacrifício e morte, resultado dessa vinda, foi um ato voluntário de Jesus, jamais devemos pensar que foi um ato obrigatório, pensar que Jesus teve que passar por isso por que era sua obrigação é errado. Jesus ofereceu sua vida em sacrifício “para tirar os pecados de **muitos**” (segunda parte do texto), o autor desta epístola não disse que o sacrifício foi universal, pois se assim fosse, ele teria escrito “tirar os pecados de **todos**”, pelo contrário, ele escreveu a palavra “**muitos**” e não “**todos**” para tirar da mente de seus leitores a idéia de universalismo da salvação. A seguir Hebreus 9:28 expõe a razão para ser a salvação objeto de “muitos” e não de “todos”. Jesus virá a segunda vez, agora sem pecado, isto é, sem um corpo sujeito à morte, como causa do pecado. Jesus virá para aqueles que o “**esperam**”. O texto grego é mais enfático, pois, a palavra aqui é *apekdékhomai* e significa mais apropriadamente “aguardar com expectativa” “anelar” - Compare com Romanos 8:19, 23, 25; Filipenses 3:20, onde também aparece a mesma palavra. A condição especificada aqui é “esperar” “anelar” a segunda vinda de Jesus **para salvação**. Assim termina o texto em estudo. O Ato da Salvação como explicada neste texto tem, portanto, duas fases essenciais (primeira e segunda vinda de Jesus). Por que a segunda vinda completa a salvação?

Assim como há dois eventos distintos, a primeira e segunda vinda de Cristo, há dois reinos distintos, trazidos à luz pelo Evangelho: O Reino da Graça e o Reino da Glória. Quando Jesus iniciou Seu ministério começou a pregar “... e o Reino de Deus está próximo...”. Marcos 1:15, não se estava referindo ao futuro e imortal Reino da Glória. Ele se referia ao Reino da Graça que haveria de estabelecer por seu amargo sofrimento e morte uma vez que este Reino existia por propósito desde a eternidade, e por virtude de uma promessa desde a queda do homem (Romanos 16:25 comparado com Gênesis 3:15).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O Reino da Graça

Disse o escritor da epístola aos Hebreus: “Acheguemo-nos, portanto, confiantemente junto ao trono da graça a fim de recebermos misericórdia e acharmos graca...” Hebreus 4:16. O trono da graça descrito aqui representa o Reino da Graça, uma vez que a existência de um trono implica na existência de um Reino. A Bíblia explica que quando Cristo subiu ao Céu assentou-se no trono (Hebreus 1:3; Atos 2:33; Lucas 22:69). Ele não se assentou no trono da glória; assentou-se no trono da graça, em seu trono sacerdotal de ofício de intercessão e advogado. O profeta disse: “... Ele... assentar-se-á no seu trono e dominará e será sacerdote no seu trono...” Zacarias 6:13.

Os salvos pertencem a este Reino da Graça, o apóstolo Paulo explica isto em uma passagem surpreendente: “**Dando graças ao Pai, que vós fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz. Ele (o Pai) nos libertou do império das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor**” Colossenses 1:12-13. Recomendamos a leitura atenta deste texto, meditando nas palavras de Paulo e extraíndo o pensamento central. Os salvos, chamados aqui de “santos na luz” são aqueles a quem o Pai libertou do império das trevas (lembremos que “libertaçāo” é também um dos significados de “soter”). Agora note a expressão enfática: “e nos transportou para o Reino do Filho de seu amor” A expressão grega aqui indica um tempo passado, um ato já realizado (metéstesen = já transferido). Quem espera por um Reino futuro, está certo, espera pelo Reino da Glória, mas deve desfrutar agora dos privilégios como súbdito do Reino da Graça. Então. Quando será inaugurado o reino da Glória?

O Reino da Glória

No segundo grande evento da história da salvação, na segunda vinda de Jesus será inaugurado o Reino da Glória. Ele deixou isso esclarecido quando disse aos seus discípulos: “Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

ele, então se assentará no trono de Sua Glória, e todas as nações serão reunidas em sua presença". Mateus 25:31-32. A pequena palavra grega "tóte" faz muita diferença, pois significa "então", pois só **então**, e não antes, Ele se assentará no trono de Sua Glória. Quando? Quando vier com os anjos.

O Reino da Glória existe em virtude da promessa e não será estabelecido antes da segunda vinda de Cristo.

Na época da primeira vinda de Jesus, o povo judeu esperava um Messias que haveria de se assentar no trono de Davi. Quando ouviram João Batista proclamar, "O reino dos céus está próximo", acalentaram esperanças e visões da glória de um reino literal. Nem mesmo João Batista e os discípulos de Jesus tinham de início uma idéia correta do propósito da primeira vinda de Cristo, nem idéia da natureza do reino que Ele estava para estabelecer. No início eles não podiam distinguir claramente entre o Reino da Graça e o Reino da Glória.

A mesma confusão existe ainda na mente de muitos que professam a fé cristã. Quando pessoas dizem que a vinda de Cristo é uma vinda ao coração de seu povo estão confundindo tragicamente os Reinos. Quando alguns dos crentes estão tentando buscar aqui e agora um cumprimento espiritual de certos atributos próprios do Reino da Glória estão sem uma informação correta sobre os dois grandes eventos da salvação. É equivocado tentar trazer certos elementos do Reino da Glória para dentro do Reino da Graça, trazer o "ainda não" para dentro do "agora". Veja 1^a de João 3:2.

Um reino se estabelece costumeiramente por guerra e conquista. O Reino da Graça não é uma exceção. Ficou já estabelecido pelo conflito e conquista do reino da morte e do diabo por parte de Cristo. "E despojando os principados e as potestades, publicamente as expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" Colossenses 2:15. "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele igualmente participou para que por sua morte destruísse aquele que



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

tem o poder da morte, a saber, o diabo". Hebreus 2:14. Por essa razão o Evangelho deve proclamar

o estabelecimento do Reino da Graça, para podermos dessa maneira sermos justificados pela divina graça de Deus, "sendo justificados gratuitamente..." Romanos 3:24 – A Bíblia de Estudo Almeida, no Dicionário que acompanha esta Versão, encontramos a seguinte definição de Justificação: "Doutrina detalhadamente explicada por Paulo nas suas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas. Ali, ensina que a justiça de Deus se revela no Evangelho, porque coloca o pecador em correto relacionamento com Deus. Este atua assim não porque o pecador mereça esse novo relacionamento, mas por causa de Cristo, que, com a sua morte sacrificial, expiou os pecados, dessa maneira, os pecadores que crêem no Evangelho são perdoados e restaurados à comunhão com Deus por meio de Cristo, unidos a ele, participam de sua justiça e são aceitos por Deus". Pág. 66.

Quem hão de ser os que entrarão agora no Reino da Graça? São aqueles que necessitam da graça divina, porquanto graça significa favor ou misericórdia para com aqueles que são pecadores e indignos. Como Jesus mostrou na parábola da grande ceia onde os convidados são tirados das ruas e becos da cidade, os pobres os aleijados, os cegos e os coxos (Lucas 14:21). E por estes convidados ao Reino que Cristo intercede (Isaías 53:1 comparada com Isaías 63:5). Por eles o Senhor já fez expiação e já satisfez a justiça em seu favor. Entre Deus e estes estranhos convidados só fica a misericórdia, a infinita misericórdia. Por que isso é assim? Porque a graça significa ser aceito apesar de ser inaceitável. E ser completamente compreendido e completamente perdoado. Os que procuram se fazer dignos assim mesmos, por seus próprios méritos, por sua experiência, por sua aptidão ou edificação cristã estão cavando profundas valas diante das portas do Reino que nunca poderão atravessar. Só pela graça, não por méritos.

Se não fossem os pecadores os convidados ao Reino ele não seria o Reino da Graça, por isso os que estão justificados são aqueles que estão dentro do Reino, tirados das trevas e restaurados como filhos de Deus.

Podemos lembrar o homem que foi socorrido pelo bom samaritano. Cristo, o bom samaritano, aplica vinho e azeite nas feridas do pecador e o conduz até a estalagem para o tratamento final. Encomenda o homem aos cuidados da pessoa responsável



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

pela estalagem com a promessa de pagar tais serviços em seu retorno. O paciente começa a se recuperar. Todavia, nenhuma coisa poderia fazer mais dano do que esse doente imaginar que poderia se recuperar sozinho. Ele precisou de todos os cuidados. Assim é a graça de Deus. No estaleiro da graça ficam internados aqueles que são objetos de cuidado e solicitude especial de Deus, é aqui que eles encontram conforto e consolação.

Todo aquele que entrou no Reino da Graça pelas portas da justificação e se manteve nele será herdeiro e cidadão do Reino da Glória. Assim como uma grande mudança, o novo nascimento, tomou lugar em nossa vida, quando entramos no Reino da Graça, também haverá de ocorrer uma grande mudança antes de entrarmos no Reino da Glória. Esta mudança final ocorrerá na ocasião da ressurreição se estivermos mortos, ou na glorificação, se estivermos vivos, quando Jesus voltar.

Iniciamos esta aula considerando os dois grandes eventos do Evangelho que se resume agora em duas grandes verdades. A verdade da justificação pela fé (O Reino da Graça) e a verdade da vida eterna de fato (O Reino da Glória). Somente compreendendo em toda a sua plenitude a primeira verdade é que terá significado e esperança a doutrina da segunda vinda de Cristo.

Portanto, concluímos que o Evangelho nesses dois aspectos, eventos e verdades é a maior obra de Deus. Nunca houve nem haverá maior ou mais poderosa obra de Deus do que no Evangelho, pois, resume-se no que Deus já efetuou em Cristo Jesus e o que fará por ocasião da segunda vinda. Nenhuma experiência humana pode igualar esta obra já consumada e realizada. Isto é soteriologia. Salvação plena em todos os aspectos.



**Faculdade e Seminário
Teológico Nacional**

**Cursos Online de Teologia
Ensino à Distância**



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

03 - OS SETE ASPECTOS DA SALVAÇÃO

Neste estudo você compreenderá de uma forma mais plena os vários **aspectos** que nos demonstram a atual posição em que o crente se encontra e sobre quais os processos que decorreram desde nosso primeiro contato com Cristo até este momento em que somos considerados filhos de Deus.

O estudo de hamartologia (de hamartia = pecado) nos mostrou que o **homem** (tratamento genérico, isto é, tanto homem como mulher) sem Deus ocupa uma **posição negativa** por causa da alma contaminada, até o momento em que faz um concerto definitivo e obtém uma vida digna diante de Deus mediante a justificação. O homem sem Deus é um devedor, um inimigo, um escravo, um corrupto, um morto e um estrangeiro diante do Criador. O homem sem Deus, enquanto não obtém os benefícios do “único ato de justiça” Romanos 5:18, carece de **perdão, justificação, reconciliação, redenção, santificação, novidade de vida** e finalmente o homem sem Deus, como um desconhecido, necessita de **adoção**. Estes são os **sete aspectos** (algumas vezes chamados de “doutrinas”) da salvação (Grego = soter).

Estes **sete aspectos** estabelecem de forma clara e categórica o lado Divino no plano do resgate do homem perdido em função do pecado (grego = hamartia). O lado humano, e alias o único, é a aceitação desse plano de resgate. Portanto, deixamos esclarecido que estes sete aspectos da salvação são as **Obras de Deus** na vida daquele que aceita esse plano de resgate.

Poderíamos considerar estes sete aspectos da salvação como estágios de crescimento cristão? Não. Não são passos num processo evolutivo de salvação, nem degraus numa escada de redenção. Quando o pecador reconhece sua posição alienada de Deus e aceita o plano de resgate e ele aceita tudo o que já foi feito por ele, o Espírito Santo atribui todos os benefícios ou aspectos da salvação simultaneamente. Por exemplo: Quando aceita, essa é a parte do homem, Deus o perdoa em Cristo, o justifica de toda falta, é reconciliado com Deus, remido, considerado santo, santificado, obtém uma nova vida (novo nascimento) e finalmente ele como nascido de novo, nasce na Família de Deus, sendo adotado como filho verdadeiro.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O apóstolo Paulo explica em suas cartas estes sete aspectos da salvação, pois a notícia dos quatro evangelhos é que Jesus morreu numa cruz, e falam de forma biográfica dessa morte, e as Cartas explicam a **razão** de Sua morte.

Primeiro Aspecto da Salvação - Perdão.

Já falamos que o homem sem Deus é considerado um devedor diante de Seu Criador (leia com atenção – Lucas 7:41-47), e como tal, para cancelar a dívida necessita do perdão de Deus, ele tem que ser perdoado. Isto é fácil de compreender, pois o preço do pecado já foi pago por Cristo Jesus. O perdão encontra seu verdadeiro lugar na graça de Deus (Veja Efésios 1:7, onde se estabelece um elo de ligação perfeita entre remissão de pecados [perdão] e a Graça de Deus).

A base do perdão de Deus para com o pecador se fundamenta no sacrifício de Jesus (Mateus 26:28 – onde o sangue de Jesus é o elemento fundamental na remissão dos pecados). Este perdão de Deus é válido desde o momento em que o homem aceita (crendo com fé) em tudo o que Deus fez em Seu Filho Cristo Jesus (Atos 10:43).

Leituras Bíblicas sobre o perdão – Lucas 24:46 e 47; João 1:29; Romanos 3:25; João 3:16-18 e verso 36.

A bíblia explica e explicava isso em símbolos no Antigo Testamento, que a dívida pelo pecado deveria ser paga antes do perdão, e Cristo foi nosso substituto respondendo pelo débito, agora como novas criaturas somos livres do débito e não mais devedores pelo pecado (considere Atos 2:38 e analise a importância do batismo como **expressão e demonstração** de aceitação por parte do homem do plano de resgate).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

E os pecados do cristão? Da mesma forma como o perdão é oferecido ao pecador, da mesma forma ele é também oferecido ao cristão. A Palavra de Deus nos ensina a estar em constante vigilância, vigiando e orando, da mesma forma nos ensina de inúmeras maneiras que devemos andar no Espírito, mas às vezes não vigiamos o suficiente e em lugar de andar no Espírito nos desviamos pelos atalhos do “antigo homem”, então devemos buscar o perdão de Deus, será que deveríamos nos batizar de novo? Não. É óbvio que não! Desde que não perdemos nossa conversão, e nem deixamos de aceitar o que Cristo já fez. Um filho quando comete uma pequena “arte” não deixa de ser filho. É em Cristo que devemos buscar forças para evitar o mal, e mesmo que não consigamos, nosso possível erro não quebra nossa relação com Deus, não entanto, é certo que se o pecado é separação de Deus, um filho pode se separar do Pai, por um momento ou por toda a eternidade. A escolha é sempre do homem.

Segundo Aspecto da Salvação - Justificação

Já estudamos em detalhes o significado de justificação. Perceba agora que em relação com o Perdão (primeiro aspecto) é notória a compreensão dos atributos de Deus. Como Pai Bondoso, Compassivo e Cheio de Misericórdia – Deus perdoa. Mas, no Seu atributo de Juiz, Deus justifica. O perdão elimina os erros cometidos, a justificação nos livra da condenação da lei.

Deus é Juiz, e como tal Sua tarefa é condenar o pecador, porém, num ato legal agora Ele declara que a justiça foi satisfeita em relação ao réu e ele será justificado, está livre da condenação.

Leitura Bíblica:Êxodo 23:7; Salmo 51:4 Provérbios 17:15; Romanos 3:4; Gálatas 5:4 e Gálatas 2:16.

Portanto, a justificação é o oposto de condenação, pois, a condenação pronuncia que o réu é culpado e a justificação o declara sem culpa.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Não podemos confundir. A justificação vem do que Cristo já fez **por** nós, mas a transformação vem do que Cristo faz **em** nós. A justificação é um ato, enquanto que a transformação é um processo.

Ao aceitar pela fé a justificação o homem a alcança. A fé, no entanto, não constitui mérito de justificação, a base, lembre-se, é o sacrifício de Cristo. O exercício da fé no coração do homem favorece a graça da justificação (Atos 13:39; Romanos 4:3, 5, 11, 16; Romanos 10:4 e 10). Uma vez justificado o homem deve caminhar com Deus.

Terceiro Aspecto da Salvação – Reconciliação.

Uma leitura atenta de Colossenses 1:21 demonstra que éramos estranhos e inimigos, por causa de nossas obras más, isto é, nos éramos, como todo pecador, porém, **agora** (note-se o “agora” do escritor da Epístola) **Deus** nos reconciliou. A reconciliação como um ato de Deus. É Deus quem reconcilia, portanto, não use mais a expressão: “Me reconciliei com Deus”. Não foi você que se reconciliou, FOI DEUS.

O homem sem salvação vive em oposição ao governo de Deus, portanto num **estado irreconciliável**, **este estado** ou posição não permite que o homem mantenha uma comunhão, e nem comunicação ou mesmo um contato amigável com Deus, daí entendemos da necessidade de reconciliação. Se a salvação oferecesse apenas perdão e justificação, mas mantivesse o homem longe de Deus, não seria completa.

Vem de Deus a iniciativa de reconciliar o homem, remover a inimizade e separação (ler atentamente: 2^a Coríntios 5:18-21) e promover a paz (Colossenses 1:20-22). A barreira imposta pelo pecado foi removida com a morte do Cordeiro e o homem passa então a viver em submissão a Deus, tendo paz, comunhão e acesso ao Pai (Efésios 2:17, 18; João 14:6).

Quarto Aspecto da Salvação – Redenção.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A escravidão é fato consumado na vida de quem não conhece e não aceita o que foi realizado em seu favor por Deus. O homem sem Deus está preso, algemado com correntes ao próprio inferno. O pagamento de um preço pode colocar em **liberdade** o homem deste jugo. A palavra redimir vem do grego “agorazo” (Apocalipse 5:9 em comparação com Romanos 3:24 e 1^a Pedro 1:18), que aqui significa adquirir no fórum. Também tem sua origem em “axagorazo” (como em Gálatas 3:13), onde significa adquirir fora do fórum. E ainda uma terceira palavra grega “lutroo” (como em Lucas 24:21) que tem o sentido de libertar por um preço.

Lembre que “**Liberdade**” é um dos significados de “soter”.

A verdade é ensinada por Jesus nestas palavras: “Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é **servo** do pecado” (João 8:34).

O homem é escravo do pecado, e como escravos estão em servidão a outro senhor (João 8:44), portanto, necessita de redenção, não pode alcançar libertação por esforço próprio; a redenção vem de Deus (Romanos 7:14).

Voluntariamente e com precioso sangue, Cristo deu Sua vida por preço de liberdade perfeita (Mateus 20:28; Marcos 10:45; 1^a Timóteo 2:6; Colossenses 1:14; Tito 2:14). Por essa razão Cristo é tudo em todo.

Nota: os aspectos de santificação, novo nascimento e adoção, serão tratados na próxima aula.

Estudamos na aula passada **quatro** aspectos da Salvação, estudemos agora a continuação desses aspectos:



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Quinto Aspecto da Salvação – Santificação.

O que seria santificação? – “Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne; pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundície e à maldade para a maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para a santificação”. – Romanos 6:19.

A idéia básica de santificação na Bíblia é “separação” – A Bíblia de Estudo Almeida define assim no Dicionário: “Separar uma pessoa, um objeto ou mesmo uma instituição para servir a Deus com dedicação e amor. Deus mesmo santifica o seu povo (João 17:17 e 19; 1^a Tessalonicenses 5:23; 2^a Tessalonicenses 2:13; 1^a Pedro 1:2) Aqueles que foram santificados são seus santos”. Pág. 82.

O significado essencial da palavra hebraica “qodesh” é em grego hagiazo que significa “separar”. A palavra hebraica deriva da raiz “qad” que se traduz por “cortar”, assim sendo, o que é santo deve estar separado dos outros, está numa classe, categoria e posição especial, e está designado para um propósito especial (1^a Pedro 1:15-16). A santidade é o mais importante atributo de Deus dado ao homem.

“Hagiasmos” (santidade e santificação) ocorre dez vezes nos escritos do Novo Testamento – Romanos 6:22; 1^a Coríntios 1:30.

“Hagiosune” (santidade) ocorre por três vezes (Romanos 1:4; 2^a Coríntios 7:1), e temos ainda “hagiates” e “hagiago”.

Temos algumas leituras sobre santificação: (João 17:17; Atos 20:32; Atos 26:18; 1^a Tessalonicenses 5:23, etc). E alguns textos sobre santidade (Romanos 6:19 e 22; Efésios 1:4; 1^a Coríntios 3:17, etc).

Destacamos, porém, que a santificação, por sua vez tem dois aspectos:



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Consagração: Na sua aceitação a santidade de Cristo é imputada ao crente (imputar: termo técnico que significa atribuir a alguém uma característica que não tinha antes). Uma leitura necessária é 1^a Coríntios 1:30 onde encontramos a palavra santificação associada a outras que já estudamos. Em Cristo nos somos santificados mediante Sua oferta pelo pecado. Leitura bíblica: Hebreus 10:10.

Pureza Interior: O crente deve ser santo em seus pensamentos, ações e atitudes perante Deus e deve estar sempre junto da verdade (João 17:17). O apóstolo Paulo diz que a Cristo será apresentada uma Igreja sem mancha nem rugas, isto é, um Corpo santificado (Efésios 5:25-27).

Podemos saber em que momento começa a santificação? Sim! No momento exato em o pecador aceita o que Deus fez em seu favor, do momento da aceitação pela fé, ele agora já está pisando solo santificado, e deve se manter em santidade enquanto está junto de Cristo, a fonte da santificação. Agora, ao começar nesse ponto, o crente está pronto para crescer em graça e sabedoria (2^a Pedro 3:18; 1^a Tessalonicenses 3:12-13).

Nesta posição de santidade imputada (atribuída e não conseguida por mérito próprio) somos descritos como templo e santuário de Deus e Jesus (1^a Coríntios 3:16-17).

É bom poder ser um vaso de honra ante os olhos de Deus e ser santo perante o Todo-Poderoso, pronto para ser útil no empenho da causa justa da Obra; é bom ser amigo, livre e separado para falar da salvação aos perdidos que ainda não encontraram esses atributos de Deus para sua vida.

Sexto Aspecto da Salvação – O Novo Nascimento Bíblico.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Tudo quanto a graça tem feito a nosso favor pela obra de Cristo foi com o fim de nos reconciliar com Deus, mediante nossa libertação do domínio do pecado, gerando em nós uma vida nova e santificada pelo poder do Espírito Santo em íntima ligação com Ele, tornando-nos herdeiros da vida eterna que fruiremos em Sua presença.

Diz a Palavra de Deus: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Romanos 5:1-2. Quando cremos em Deus e aceitamos o Senhor Jesus Cristo como nosso Salvador pessoal, pela ação do Espírito Santo, nos somos regenerados mediante o novo nascimento espiritual. Tornando-nos “filhos de Deus” e membros do Corpo de Cristo que é a Sua Igreja invisível (João 14:17 e 26; 1^a Coríntios 12:27; Efésios 6:10-12; Romanos 8:9-11).

Disse Jesus: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... Aquele que não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e que é nascido do Espírito é espírito”. João 3:3, 5-6. As palavras do Senhor Jesus não deixam qualquer dúvida sobre a necessidade absoluta do novo nascimento. Jesus realça a necessidade de nascermos não só da água, como também do Espírito. Se o batismo da água é um símbolo exterior, que às vezes pode ficar despercebido ou esquecido no tempo, o batismo do Espírito deve ser sempre presente e manifesto, pois é o poder interior da vida nova do cristão. Nos somos nascidos naturalmente da vontade da carne, somente nos nascemos do Espírito, quando aceitamos pela fé ao Senhor Jesus Cristo como nosso Salvador pessoal e nos dispomos a continuar nessa aceitação. Lucas 6:46.

A operação do Espírito Santo, através da Palavra de Deus, produz em nós um novo ser moral ou espiritual, de que resulta a manifestação dum caráter inteiramente novo. O apóstolo João afirma: “Mas, a todos quanto o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber; aos que crêem no seu nome; os quais não



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". João 1:12-13.

O apóstolo Pedro diz: "bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo, dentre os mortos... sendo de novo gerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre". (1^a Pedro 1:3 e 23).

Escreve também o apóstolo Tiago: "segundo a sua vontade, ele (Deus) nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias de suas criaturas". (Tiago 1:18).

Paulo ainda esclarece: "Tendo sido sepultados juntamente com ele (cristo) no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos". (Colossenses 2:12). "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". (2^a Coríntios 5:17).

Uma leitura atenta dos escritos apostólicos demonstra que o novo nascimento é uma obra de Deus, de Sua Vontade.

Antes que qualquer pessoa possa compreender as verdades divinas reveladas pelo espírito santo, através da Palavra de Deus, precisa "necer de novo". Não existe no homem natural, caído como está sob o domínio do pecado, qualquer capacidade para compreender e apreciar os pensamentos de Deus. – "Ora, o homem natural não aceita as coisas do espírito de Deus, porque lhes são loucuras; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente". (1^a Coríntios 2:14).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A nossa inclusão na **morte e ressurreição** de Cristo é um fato fundamental do plano de salvação, mas é de suma importância permitir que isso seja real, pela aceitação verdadeira e fiel desse plano de redenção divina.

Atenção: Crer que as figuras de linguagem “morrer ou ser crucificado ou sepultado com Cristo” afirmem a extinção imediata e total da natureza humana, incluindo toda e qualquer inclinação para o mal, é crer em discordância com o contexto geral da Bíblia. O estudo criterioso dessa expressão, dentro do contexto próximo em que está inserida e considerando o ensino geral da Bíblia, indica que ela apenas lhe atribui um sentido legal perante a justiça de Deus.

Já estudamos anteriormente que nascidos como descendência de Adão, da vontade da carne, herdamos a natureza de Adão, os seus defeitos, a sua condenação, e fomos considerados por natureza filhos da ira (Efésios 2:3), geração perversa (Atos 2:40), escravos do pecado (Romanos 6:6) e condenados à morte eterna (Gênesis 2:17; Romanos 3:23; 6:23).

Também estudamos que a justificação nos **declara** justos, assim, do ponto de vista **legal** a morte do “velho homem” aconteceu na Cruz, junto com Cristo. Porém, existe grande diferença entre ser **declarado** justo e **ser de fato** justo. Ser declarado justo é um ato da Graça Divina e absolutamente imerecido, este único ato se chama “justificação pela fé” “ou morte com Cristo”. **Ser** justo, entretanto, é no sentido de conformar de fato nossa vontade com a vontade de Deus. Isto é obra de toda uma vida, e se chama “andar com Deus” ou “andar no Espírito”, de onde a palavra **andar** indica uma progressão ou desenvolvimento.

O Tema da Salvação na Bíblia domina claramente cada fase e aspecto de sua narrativa. Já comprovamos nas aulas anteriores que o Esquema, Projeto ou Plano de salvação está contido plenamente na obra, isto é na ação salvadora de Deus. Antes de considerar o aspecto de adoção, como o **sétimo e último aspecto**, lembaremos alguns conceitos aprendidos que nos farão entender a relação da adoção com a Redenção.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Já sabemos que a Obra de Deus se manifesta em duas grandes fases: A Obra de Deus **por** nós em Cristo e a Obra de Deus **em** nós pelo Espírito Santo. Vemos aqui claramente como a Justificação do pecador se opera pela ação da Trindade. **Deus** o Pai, manifesta e atribui Sua Graça, bendita e gratuita Graça. Jesus, o **Filho**, efetuou a salvação, sendo o Salvador, pagando o resgate e nos dando SOTER (salvação, libertação e preservação). O **Espírito Santo** opera em nós a regeneração, como obra posterior à justificação, transformando, modificando nosso caráter à semelhança do caráter de Jesus. Quando estudemos a Obra salvadora de Deus **em** nós veremos mais detalhes desta ação divina pelo Espírito Santo. Partimos do pressuposto de que todos nos acreditamos na **Trindade** como Deus agindo em benefício do homem pecador, note-se que **se** deixamos de lado, quer seja o Pai, ou o Filho, ou o Espírito Santo, não acreditando que Seja Deus, a ação salvadora estaria incompleta e o homem estaria consequentemente perdido. Razão pela qual reafirmamos nossa fé na Trindade, pois a ação salvadora de **Deus Trino** está justamente em que cada Pessoa desenvolve uma parte ou aspecto dessa ação salvadora. Não podemos desacreditar de Deus o Pai, pois, segundo as Escrituras, o Plano Redentor é revelado como tendo sido originalmente planejado na mente do Senhor, pois a Bíblia revela como Deus manteve sempre o controle das atividades humanas de maneira a nos levar a aceitar o que Ele já fez. Rejeitar o Filho, como Deus agindo em benefício da humanidade, efetuando o plano, realizado em sua vida, morte e ressurreição, isso seria fatal. O cumprimento do plano idealizado desde a fundação do mundo é perfeito. Jesus, como executor do Plano de salvação, não poderia ser apenas humano, igual a nós, pois o projeto estaria assim incompleto, imperfeito, e não cumpriria as exigências requeridas, que é Deus efetuando a Reconciliação do homem pecador. O Espírito Santo. Como deixar de fora o Espírito que sendo Deus cumpre seu papel de efetuar a regeneração e atribuir ao homem os benefícios da salvação, dando ao homem que aceitou a obra realizada pelo Pai e pelo Filho a **continuação** desse plano, dando-lhe um novo nascimento, um novo coração, guiando, ensinando todas as coisas e formando o novo homem em Cristo, é o Espírito que realiza a Obra **em** nós. A grandiosidade da Obra Salvadora é justamente a revelação de que A **Trindade**, em suas três pessoas, está envolvida, participante e atuante em favor do homem perdido. Bendito Plano de salvação! Que seria da humanidade sem esse Projeto de Vida?



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Sexto Aspecto da Salvação – Adoção.

Já estudamos que os aspectos da salvação são sete, a saber: perdão, justificação, reconciliação, redenção, santificação, novidade de vida e adoção, já estudamos seis, estudemos agora o sétimo: a adoção.

Hamartia, ou seja, o pecado, nos afastou de Deus, estávamos **longe** (Efésios 2:13), **separados** de Deus (Efésios 2:12), **escravos** do pecado (João 8:34). Todavia, “hamartia” tirou também a paternidade original. Vejamos:

Uma Questão de Paternidade:

Leia: João 8:32 até 44.

Nesta narrativa de João encontramos mais uma outra séria discussão entre os judeus e Jesus, a questão aqui era a questão da liberdade. Jesus fez uma declaração assustadora aos ouvidos dos judeus: “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” João 8:32. A resposta imediata dos judeus foi apelar para a paternidade patriarcal, pois acreditavam que sendo filhos, ou descendência de Abraão, não eram escravos de ninguém. Jesus respondeu provando que o pecado é que gera a **escravidão** (João 8:34), e não a origem judaica, Jesus provou que sendo eles pecadores eram escravos. Os judeus não entendendo, pois não compreendiam que hamartia é um estado da alma, insistem: “Nosso pai é Abraão” (João 8:39). Finalmente elevam essa paternidade afirmado: “Nós não somos bastardos; temos um Pai, que é Deus” (João 8:41).

A mais surpreendente verdade revelada na Bíblia e que Jesus confirma, é que a humanidade, por causa de hamartia (pecado), perdeu a **paternidade de Deus**. Leia com atenção João 8:44. Adão era filho de Deus (Lucas 3:38). Todo pecado escraviza (João 8:34), aqui não se trata dos pecados individuais, não está falando de atos pecaminosos, mas de hamartia, como um estado da alma, do pecado



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

(singular), Sendo assim, Adão perde sua liberdade, pois é vendido para o pecado (Romanos 7:14). Quem é vendido, não é livre, quem tem um preço e fica no leilão da praça para ser comprado é um escravo. Por isso Jesus falou para os judeus que o escravo não ficava sempre em casa, a qualquer hora pode ser vendido (João 8:35). Quem não é livre serve ao pecado como escravo (Romanos 6:6). Foi neste contexto que Jesus falou sobre a paternidade do homem em pecado. O homem em pecado é filho do Diabo.

Uma leitura atenta de 1^a João 3:10 revela na sua maior profundidade a **posição** do **homem sem Deus**. Ele está em outra família, ele **não** está na Família de Deus (Gálatas 6:10; Efésios 2:19; Efésios 3:15). Então surge a pergunta: Como ser filho de Deus verdadeiro?

Adão foi criado a imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:26). Se Adão se mantivesse na posição original, posição na qual foi criado, então seus filhos herdariam essa imagem e semelhança de Deus, Adão pecou, e a sua descendência perdeu esses atributos que são próprios dos filhos de Deus. E agora o livro de Gênesis nos mostra o **princípio fundamental** da herança da humanidade.

“Viveu Adão cento e trinta anos, **e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem**, e lhe chamou Sete” Gênesis 5:3.

Sete era na verdade o **terceiro** filho de Adão, Abel foi morto, Caim banido da presença de Deus, a raça continuaria pela descendência de Sete, assim diz a Bíblia, ao dar a genealogia de Adão. Por essa razão as Escrituras estabelecem o **princípio fundamental** da herança quando esclarece que Sete tinha a semelhança e imagem de Adão e não mais de Deus. Um Adão escravo gerou um filho escravo, um Adão que não transmite mais uma geração eleita e santa, mas uma geração separada de Deus.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Duas famílias, dois pais. João 1:12-13 – mostra um claro e evidente contraste entre os nascidos de Deus e os nascidos da descendência de Adão. Mostra como nascem todos os homens (genérico), todos nascemos do sangue (sangue de Adão), pela vontade da carne, vontade do homem. Mas, Jesus diz a Nicodemos: É necessário nascer de novo, em outra família, porque o que é nascido da carne é carne (João 3:6), em outras palavras quem é nascido da carne, pela vontade da carne e do homem, nasce em pecado. Jesus explicou a Nicodemos que quem não nasce de novo **NÃO** pode ver o reino de Deus. Aqui não é uma questão de opção. Se nos queremos entrar no Reino, agora no seu aspecto da Graça, e mais tarde, na Segunda Vinda, no Reino da Glória, não temos escolha, temos que nascer de novo. Isso significa que nosso nascimento natural deve-se completar com um nascimento na Família de Deus. Foi então que Deus idealizou o Projeto Adoção. Esse Projeto Adoção não é novo. Paulo explicou que já os israelitas o conheciam (Romanos 9:4), o que significa que é tão antigo como a própria nação de Israel.

Este projeto de adoção tem dois aspectos legais: Adoção de Direito e Adoção de Fato. Vamos explicar isto melhor, quem já estudou direito jurídico sabe como é: Quando um pai de família está ainda vivo e ele assina o testamento em vida, seus filhos passam a ser herdeiros, são, porém, **herdeiros de direito**, somente quando o pai morre, os filhos passam a ser **herdeiros de fato** e só então eles podem fazer uso da herança deixada pelo pai.

Gálatas 4:4-6 - Nos explica que a ação salvadora do Pai foi enviar seu Filho, para resgatar os que estavam sob a lei (no seu aspecto legal de condenação), com a finalidade de que recebêssemos a **adoção de filhos**. O mais importante está no verso 6, onde se explica que pela razão de já sermos filhos, ou seja, pela redenção em Cristo, pela salvação em seu aspecto de libertação, Deus envia a nossos corações o Espírito de Seu Filho, e assim como Ele, Jesus, podia chamar a Deus de Pai, nos também agora podemos clamar “Aba, Pai”. (Aba = aramaico que significa uma expressão de amor do filho para com seu pai, como querido pai em português).

Romanos 8:15 – Paulo ensina que **não** recebemos o espírito de escravidão, isso quando aceitamos a salvação, mas recebemos outro Espírito, o de Cristo, o Espírito de Adoção, e repete aqui, pelo qual clamamos Aba, Pai.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Romanos 8:16 – O Próprio Espírito Santo, **EM** nós, testifica, ou seja, faz declaração com nosso espírito que **somos** filhos de Deus. A adoção foi realizada, podemos ter certeza disso. Pois, o verbo usado expressa a idéia de ser filhos agora, no presente e não como um ato futuro.

Romanos 8:17 – Ora, se nos **já somos filhos**, então já somos também herdeiros, herdeiros de Deus. De novo o verbo em tempo presente.

O que estão aguardando agora os filhos de Deus, herdeiros de Deus? Romanos 8:23 – Tendo as primícias (primeiros frutos) do Espírito, estamos aguardando a redenção do nosso corpo, que será a adoção, não mais de direito, porém agora de fato. Quando? No Reino da Glória.

E a imagem e semelhança de Deus? Uma leitura de Romanos 8:29; 1^a Coríntios 15:49 e 2^a Coríntios 3:18 respondem esta pergunta.

Definição do conceito: **Profecia Messiânica**. É geralmente reconhecido que o Antigo Testamento registra as profecias da vinda de um grande Messias. Isto significa literalmente um “ungido” (da palavra hebraica: Mashiach). Os “ungidos” no período do Antigo Testamento eram, no caso, reis e sacerdotes. Tais profecias deram ao povo judeu a esperança da libertação através desse Messias. Esta esperança é comumente mencionada como a “Esperança Messiânica”.

O CONCEITO JUDEU DA PROFECIA MESSIÂNICA NO ANTIGO TESTAMENTO ERA NACIONALISTA.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Este ponto de vista é estabelecido no Novo Testamento pela revelação do conceito judeu da natureza do Reino de Deus. Os judeus sabiam que as Escrituras profetizavam a vinda do Messias e do seu Reino (como exemplo: podemos citar - 2 Samuel 7:11-16; Isaías 9:6, 7; Jeremias 23:5, 6 Daniel 2:44). Tanto João Batista como Jesus anunciaram que o Reino estava próximo. Como os judeus entenderam estas palavras de João Batista e de Jesus? Os pontos a seguir revelam o conceito nacionalista dos judeus com relação ao Reino e, consequentemente, seu conceito materialista, ou seja, uma interpretação equivocada das profecias desse Reino.

1. Os judeus combativos.

"Naqueles dias apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia, e dizia: Arrependei-vos porque está próximo o Reino dos céus". Mateus 3:1-2.

"Desde os dias de João Batista até agora o Reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele". Mateus 11:12.

O povo cria que João Batista era profeta e, assim sendo, desde o dia em que ele anunciou que o Reino estava próximo, o povo se predisponha a pegar em armas e derrubar o governo romano. Sua concepção puramente materialista e física do Reino transformou o zelo pelo país, e transformaram a idéia de Deus em violência, julgando que pela força pudesse derrotar os exércitos romanos e estabelecer o Reino profetizado. Isto não lhes seria possível, mas, devido ao conceito nacionalista sobre a natureza do Reino eles julgavam isso praticável.

Atenção: A idéia errada dos judeus quanto à natureza espiritual do Reino, sem ser como um Reino da Graça, fez com que tanto a sua existência como nação com a queda de Jerusalém no ano 70 d.C., como seu precioso lugar, como nação, no Reino espiritual de Cristo se perdesse.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

2. O povo Judeu como um todo. João 6:1-15, em especial os versos 14 e 15.

Depois que o povo presenciou a distribuição de alimento, feita por Jesus, em quantidade suficiente para satisfazer mais de 5.000 pessoas, utilizando apenas dois peixes e cinco pães, todos ficaram mais do que dispostos a recebê-lo como profeta e rei; mas seu conceito da natureza do rei e de seu Reino demonstra ser apenas nacionalista. Como é natural, ao pensarem no que tais poderes poderiam significar quando aplicados à estratégia militar, eles tentaram arrebatar Jesus “para o proclamarem rei”. Jesus, no entanto, rejeitou por completo seus intentos, pois o Reino que viera estabelecer era de natureza, na sua primeira fase, espiritual.

Qualquer ponto de vista que afirme que Jesus veio para estabelecer o reino profetizado no Antigo Testamento, na sua fase de Glória, mas não pode faze-lo porque os judeus o rejeitaram, deve ser julgado incorreto com base na clara afirmação desta passagem. Na verdade, aconteceu justamente o contrário: Jesus os rejeitou.

3. Os judeus dirigentes. João 11:47-50

O ponto de vista nacionalista dos líderes judeus quanto ao Reino de Deus, a reivindicação do próprio Jesus de ser o rei profetizado, e os poderes milagrosos, levaram-nos a pensar que Ele cobiçava o trono de César. Sabiam que se Roma viesse a pensar da mesma forma e observasse o grande número de seguidores de Jesus (“se o deixarmos assim todos crerão nele”), a nação seria sumariamente destruída pelo poder militar romano. Resolveram então matá-lo. João 11:53.

4. Pedro e os Apóstolos. Mateus 16:13-20, e a seguir versos 21 a 23.

Quando Jesus perguntou a Pedro quem Ele era, ele respondeu prontamente: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”. Todavia, depois de extrair tal confirmação, Jesus advertiu os discípulos “que a ninguém dissessem ser Ele o Cristo”. Logo após,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

começou a anunciar sua morte pela crucificação. Mais uma vez Pedro responde com lealdade: “Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá”. Jesus de novo respondeu com palavras que talvez confundissem a Pedro: “Arreda! Satanás... Não cogitas das cousas de Deus, e, sim, das dos homens”.

Nenhuma passagem revela mais claramente o que os discípulos na verdade pensavam sobre o Messias, sua obra e seu reino. Jesus chamou Pedro de Satanás, isto é, de adversário, dizendo que ele estava pensando nas cousas dos homens e não nas de Deus. Pedro ficou, provavelmente, surpreso. Mas a verdade era de fato essa. O conceito que Pedro fazia sobre o Messias, revoltava-se com a idéia da crucificação. Sem a cruz, porém, não poderia haver redenção. Pedro, de fato opôs-se ao propósito redentor de Deus. Ele evidentemente não tinha **até então** conseguido compreender o assunto. Esse o motivo pelo qual Jesus os advertiu a não contarem a ninguém ser Ele o Cristo. A opinião deles confundiria ainda mais a questão.

5. Os filhos de Zebedeu e sua mãe. Mateus 20:20-22 e Marcos 10:35-45

“Então, se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus dois filhos e, adorando-o, pediu-lhe um favor. Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu, que no teu Reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda. Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis”. Mateus 20:20-22.

Quando a mulher de Zebedeu pediu que Jesus fizesse seus filhos sentarem-se à sua direita e à sua esquerda no reino, revelou seu conceito nacionalista, materialista e interesseiro sobre o Reino. Jesus então respondeu acertadamente: “Não sabeis o que pedis”.

6. O Conceito dos discípulos depois da crucificação.

Lucas 24:13-21. A cruz dissipou dos discípulos a possibilidade real e imediata de uma esperança messiânica. Como o seu conceito não se baseava na remissão dos pecados e no estabelecimento espiritual do reino da Graça, ficaram desesperados



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

por perderem sua esperança com a morte de Jesus. Veja em especial Lucas 24 o verso 21.

Atos 1:6. Até o dia da ascensão de Jesus, os discípulos mantiveram o seu nacionalismo judeu como genuína interpretação da profecia do Antigo Testamento: “Será este o tempo em que restaures o reino de Israel?”. Eles estavam ali, olhando para Jesus ressuscitado, vencedor da morte, seria esse o momento? Seria agora? Qual não foi a surpresa ao ver alguns minutos após Jesus subir aos céus. Vemos nas Escrituras que só após o Pentecostes, com o poder do alto, que os discípulos puderam compreender a verdadeira natureza espiritual da primeira fase do Reino, sua natureza fundamentada na Graça.

O espírito nacionalista judaico fez com que muitos o rejeitassem, essa é a razão das multidões gritando “crucifica-o”, porque os judeus interpretaram mal a obra, ensinamentos e a morte de Jesus. Foi esse espírito nacionalista, local e material que provocou a rejeição de Jesus pelo povo, não conseguiram acreditar que aquele mesmo homem que entrou triunfante em Jerusalém, investido com caráter de rei como “filho de Davi”, estivesse agora diante de seus olhos coroado de espinhos, humilhado e açoitado pelos romanos, de vestes ensanguentadas e rosto abatido, a esperança então se desfez. O triunfo nacional sobre os romanos sob a liderança de um rei, morreu, e pediram a morte de Jesus. Não confiavam mais nele. Eis ai o perigo de uma interpretação errada das Escrituras.

Interpretação correta das profecias Messiânicas.

Lucas 24:44-47 – Foi necessário um ato divino, Jesus “lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras”. Foi necessário que os discípulos a caminho de Emaús, compreendessem que o Cristo haveria de padecer... Padecer até a morte, mas vencer a morte e ressuscitar dentre os mortos, e tudo isso para que? Para que se pregasse o arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações...

Estas palavras de Jesus quebraram todo o orgulho nacionalista, agora a salvação não era mais uma questão nacional, era uma salvação e remissão de pecados, efetuados pela morte e ressurreição do Messias, e esta boa nova deveria ser para



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

“todas as nações” – Oh! Que divina explicação. Era dessa maneira que agora deveriam entender as profecias, pois Jesus lhes disse: “Importava que se cumprisse **tudo** o que de **mim** está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. Veja também Lucas 24:25-27, onde Jesus insiste que o seu sofrimento cumpriu todas as profecias das Escrituras.

Algumas “teologias” modernas interpretam a morte de Jesus como um fracasso em estabelecer o reino, pelo fato dos judeus o terem rejeitado. Mas este estudo comprova que na verdade a morte e a ressurreição de Jesus foi o triunfo glorioso do eterno propósito de Deus para a salvação da humanidade perdida, assim era prevido pelos profetas. Esse foi o meio de estabelecer **Seu Reino da Graça** e introduzir nele todos os que são salvos pelo seu sangue (Apocalipse 1:5, 6).

Estudamos que a salvação para todas as nações, mediante Cristo, foi predita por todos os profetas do Antigo Testamento. Essa linguagem profética, porém, raramente foi apresentada de forma literal. Tal linguagem foi geralmente apresentada em termos idealistas. Isto é, a salvação para todos aqueles que aceitassem a redenção foi profetizada com uma terminologia descritiva, física, material e nacionalista, que para o judeu era gloriosamente ideal. O que se pretendia, entretanto, não era, de forma alguma, uma interpretação literal.

Já estudamos que pela salvação (soter), o Messias esperado não apenas proporcionaria a **salvação**, ou somente a **libertação**, mas no seu significado pleno a palavra soter também é “**preservação**” e para que esse aspecto tivesse pleno cumprimento Deus desenvolveu o maior Projeto que a história já conhece, jamais haverá um Projeto tão glorioso. Esse Plano é conhecido em teologia como Projeto de Paz. Deus traçou um programa para que o salvo pudesse **preservar** a salvação.

Uma das graves consequências do pecado foi a perda de paz por parte do homem, o pecado tirou sua paz e colocou em troca o medo no coração do homem. O **princípio fundamental** do medo pode ser encontrado no mesmo lugar em que o homem perde sua posição original. Quando Deus pergunta ao homem: Onde estás?



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A pergunta, como já sabemos foi para que o homem criasse consciência de que tinha mudado de lugar, de posição ou estado, a resposta do homem reflete o grave dano do pecado: “tive medo...” Gênesis 3:9-10. Medo é exatamente o contrário de paz, quem vive em temor não tem paz no coração, por essa razão a Salvação (soter) em seus três aspectos significativos deveria também trazer paz ao coração humano, arrancar de seu íntimo o mais terrível e pernicioso mal: o Medo.

Procuramos mostrar, a seguir, que o propósito de Cristo é claramente estabelecido em vários textos bíblicos como sendo redentor (Mateus 1:21; 20:28, 1º Timóteo 1:15, etc.). Porém, a obra salvadora de Cristo inclui um aspecto que tinha sido conhecido na época do Antigo Testamento como **Projeto de Paz**. Quando Israel ou mesmo mais tarde Judá passava por períodos de guerras, conflitos, violência e agressões, Deus colocava na boca de seus profetas palavras de paz numa linguagem ideal.

Vamos ler atentamente a profecia messiânica que encontramos em Isaías 9:6-7, de onde destacamos as seguintes frases: “Príncipe da **Paz**” “para que se aumente o seu governo e venha **paz** sem fim...”.

Uma outra profecia reconhecidamente messiânica está em Miqueias 5:2, 5, de onde tiramos a frase “Este será a nossa **paz**”.

Ambas as profecias falam dos atributos reais do Messias. Não há qualquer dúvida que estas palavras se aplicam a Jesus. Os anjos cantaram a Sua missão de “paz” no Seu nascimento (Lucas 2:14). Paulo escreveu que “Ele é a nossa **paz**”, que “evangelizou **paz**” e fez a paz entre Deus e o homem (Efésios 2:14-17).

O Projeto de Paz.

Quando os homens são justificados, eles obtêm “**paz** com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5:1). Cristo traz “a **paz** pelo sangue da sua cruz”



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

quando efetua a reconciliação entre pecadores e Deus (Colossenses 1:20-22). Esta salvação do pecado, dada por Cristo, cumpre o propósito por Ele estabelecido.

Analisemos agora com cuidado o lugar da paz: “**Seja a paz de Cristo o árbitro em vossos corações, à qual, também, fostes chamados em um só corpo: e sede agradecidos**” (Colossenses 3:15). Explicando o significado desse **Corpo** na mesma epístola Paulo diz: “Ele é a cabeça do corpo, da igreja...”. Colossenses 1:18. Note cuidadosamente que é para “a paz de Cristo” que somos chamados em um só corpo (a igreja). Desde que idealmente a Igreja é composta de todos aqueles que foram salvos e têm, portanto, paz com Deus, a paz da profecia. É o lugar para preservar a salvação.

Cabe, no entanto, destacar que a Igreja, não pode ter a mesma paz do mundo, nem a que o mundo oferece, pois a paz de Cristo é diferente: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo” João 14:27. A paz de Deus excede todo o conhecimento (Filipenses 4:7), pois o mundo não conhece e nem conhecerá essa qualidade de paz enquanto não tiver aceitado o glorioso Projeto de Deus.

Dentre o fruto do Espírito, o que segue ao amor é justamente esta qualidade que deveria idealmente ser encontrada na Igreja, ou seja, amor em primeiro lugar, em ordem prioritária, paz em segundo lugar. Paz no Corpo de Cristo. Jamais brigas e politicagem por cargos administrativos, brigas entre irmãos, jamais (Hebreus 12:14).

O Projeto de Deus poderia muito bem se chamar Projeto Ekklesia, pois ele foi idealizado pelo Criador desde o mesmo momento em que o homem pecou, desde o momento em que Deus viu no coração do homem a terrível marca do medo. Medo é pecado, como é pecado apelar para o medo e trazer assim pessoas para a igreja. As pessoas que estão na igreja porque estão com medo do inferno, não tem a paz de Deus. O verdadeiro motivo para estar no Corpo é porque encontraram a paz e não o medo. Você já percebeu que muitas pessoas tomam suas decisões por causa do medo: medo de ficar só, medo de ficar pobre, medo de perder o trabalho, em fim, é o medo que tomou o controle e não é mais a paz e liberdade que temos em Cristo.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O Projeto Ekklesia estava no coração do Pai, e Cristo disse: Edificarei a minha Igreja, dando assim cumprimento a profecia. Uma simples comparação entre dois textos, explicam porque o Projeto Ekklesia era desde o começo um Plano de Deus.

Não vamos nos aprofundar demais nesta aula sobre a Igreja, pois há uma disciplina completa “Eclesiologia” que tratará do tema em todos os seus aspectos.

04 - UM ESTUDO DE HEBREUS 6:4-6

Apostasia Recuperável?

O Texto a seguir foi extraído de: **Hebreus – Introdução e Comentário**, de Donald Guthrie, Editora Mundo Cristão, 1983, páginas 132 até 137.

Que há uma conexão específica entre a declaração que acaba de ser feita e a discussão acerca da apostasia fica claro por causa da conjunção: **pois** (grego = gar). Há pelo menos uma possibilidade teórica de que a maturidade espiritual possa revelar-se inatingível. É importante para uma compreensão verdadeira deste versículo reconhecer este contexto. É igualmente importante notar que a declaração



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

depende do cumprimento de uma condição, conforme demonstra a cláusula com “se” no v. 6.

As várias maneiras que este autor (de Hebreus) adota no uso da palavra impossível (adunaton) são instrutivas. Aqui, emprega-se para a impossibilidade do arrependimento em certas circunstâncias; em 6:18, acerca da impossibilidade de Deus revelar-Se falso; em 10:4, acerca da incapacidade do sangue dos animais de remover o pecado; e em 11:6, acerca da impossibilidade de agradar a Deus sem fé. Em cada caso, não há provisões para um meio-termo. Todas estas declarações são absolutas. A presente declaração, no entanto, é a que causa mais dificuldade e pode ser corretamente compreendida somente quando todas as facetas do caso forem examinadas na sua totalidade. Há quatro verbos para descrever os sujeitos da impossibilidade: (i) **iluminados** (phōtisthentas), (ii) **provaram** (geusamenous), (iii) se **tornaram participantes** (metiochous genēthentas), (iv) **provaram a boa palavra** (kalon geusamenous). Aparentemente, os três últimos verbos visam tornar claro o sentido em que o primeiro é usado. A idéia da iluminação é característica do Novo Testamento em relação à mensagem de Deus ao homem (cf. também 10:32 nas outras passagens sobre a apostasia). Isto é especialmente verdadeiro no que diz respeito ao Evangelho segundo João em que Jesus declara ser a luz do mundo (8:12; cf. 1:9). Outro paralelo é 2 Coríntios 4:4, que diz; “o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo”. Sempre que a luz tem brilhado nas mentes individuais, tem vindo alguma compreensão da glória de Cristo. (Bruce, em Commentary on the Epistle to the Hebrews, New London Comentary, London, 1965, página 120) acha tentadora a opinião de que a iluminação se refira ao batismo e ao provar a eucaristia, mas aceita, especialmente neste último caso, uma referência mais ampla também. (Hugles em A Commentary on the Epistle to the Hebrews, Grand Rapids, 1977, página 208) cita exemplos de escritores patrísticos que adotaram este tipo de interpretação. Ele mesmo, porém, prefere um sentido metafórico, i.e., o sentido de experimentar a bênção. Aqueles que são referidos aqui, portanto, devem ter alguma revelação inicial de Jesus Cristo. Este conceito é reforçado pelas outras três declarações que são feitas.

A idéia de **provar o dom celestial** subentende mais do que um mero conhecimento da verdade. Subentende a experiência dela. Este é um uso lingüístico do Antigo



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Testamento (cf. Sl 34.8). No Novo Testamento, 1 Pedro 2:3 contém a mesma idéia. Há um desenvolvimento entre saber acerca do alimento, até mesmo gostar da aparência dele, e realmente prova-lo. Ninguém pode apenas fingir provar um alimento. Naturalmente, nem sempre o provar é agradável, e no caso hipotético que o escritor esta supondo, claramente não o era. O **dom celestial** não foi apreciado.

Mas o que significa esta expressão? Em nenhuma outra parte do Novo Testamento “o dom celestial” (Tes doreas tes apouraniou) é mencionado, embora a idéia de um dom de Deus ocorra várias vezes, principalmente em relação ao Espírito Santo (cf. At. 10.45; 11.17). Noutros casos, é ligado com a graça de Deus (Rm 5.15; Ef 3.7; 4.7), onde abrange a totalidade da dádiva da salvação. Na presente declaração, o conteúdo do dom não é definido, mas a sua origem não fica em dúvida. Embora tenha sido sustentado que “celestial” descreve, não a origem, mas, sim, a esfera em que o dom exercido, ainda demonstraria que o dom não é de feitio humano. Deve ser notado que a palavra usada aqui para “dom” é usada exclusivamente para dons espirituais no Novo Testamento.

A terceira declaração está estreitamente vinculada com a anterior, porque o tipo de pessoa que o escritor está imaginando consiste daqueles que se tornaram participantes do Espírito Santo, o que se harmoniza com o dom do Espírito. Mesmo assim, é provável que isto seja visto como um aspecto distintivo na sua experiência. Já encontramos a palavra para “participantes” (metochoi) em 1.9; 3.1, 14, e a encontramos outra vez em 12.8. A única outra ocorrência da palavra no Novo Testamento é em Lucas 5.7, onde significa: “companheiros”. Visto que em 3.1 o escritor está se dirigindo àqueles que participam da vocação celeste, o mesmo sentido deve ser pretendido aqui. A idéia de participar do Espírito Santo é notável. Isto imediatamente distingue a pessoa daquela que não tem mais do que um conhecimento superficial do cristianismo.

A quarta declaração: e **provaram a boa palavra de Deus**, introduz ainda outro aspecto da experiência cristã. A repetição da metáfora do “provar” demonstra a importância que o escritor ligava a ela. Mas desta vez é uma questão de provar a “bondade” (kalon), palavra esta que incorpora em si alguma noção de beleza. Inclui a atratividade bem como a bondade moral. É contrastada com o mal em 5.14.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Descreve uma boa consciência em 13.18. É algo altamente desejável. Isto se encaixa bem com a metáfora. É agradável ao paladar. Além disso, não é por acidente que o que é provado não é a própria palavra de Deus, mas, sim, a sua bondade. A distinção é importante. É possível abordar a palavra de Deus de modo sincero, mas sem efeito. No presente caso, os que provaram a bondade estavam bem imersos na experiência cristã. A frase descritiva “palavra de Deus” (Theou rhema) ocorre outra vez em 11.3 e nalguns outros lugares no Novo Testamento, mas não é tão freqüente quanto a expressão mais geral, porém paralela (logos tou Theou), que ocorre nesta Epístola em 4.12 e 13.7. A presente frase chama a atenção mais a uma comunicação específica de Deus do que a uma mensagem geral de Deus. De fato, pode, mais provavelmente, referir-se à experiência de Deus que a pessoa conhece na conversão, quando a maravilhosa condescendência de Deus para com os pecadores raia sobre a alma em toda a sua beleza resplandecente.

Mas o provar também chega “a bondade dos poderes do mundo vindouro” que parece uma idéia estranha. Se a era do porvir ainda é futura, conforme sugerem as palavras (mellontos aionos), não pode ser que o escritor quer referir-se a uma esperança remota. Visto que emprega “estes últimos dias” (1.1) para denotar os dias da inauguração do Messias, é bem possível que aqui esteja pensando no antegozo presente de uma experiência que não chegará ao seu clímax até à segunda vinda. De qualquer maneira, está mais interessado nos poderes da era vindoura, o que sugere a operação das mesmas influências poderosas que terão pleno domínio naquela era futura.

Finalmente, a parte condicional da frase aparece: “**se então cometarem a apostasia**” (no grego, o condicional é expresso por um particípio: parapesontas – ARA: e caíram). A declaração que segue é aplicável somente quando a experiência da iluminação e da participação é ligada com uma apostasia completa (conforme é indicado pelo tempo do aoristo). A idéia da apostasia é expressa por um verbo que ocorre exclusivamente aqui no Novo Testamento. O significado da sua raiz é “cair para o lado”, i.e., o desvio de um padrão ou caminho aceito. A declaração subsequente neste caso torna clara a natureza irrecuperável da apostasia. É dito que de novo estão crucificando para si mesmo o Filho de Deus, e o verbo composto empregado (anastaurountas) demonstra que o escritor está pensando em uma



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

repetição da crucificação. Não poderia ter expressado a seriedade da apostasia em termos mais enfáticos ou mais trágicos. Enquanto pensa naquilo que os inimigos de Jesus fizeram a Ele, até mesmo vê aqueles que se desviam dEle como igualmente responsáveis. Talvez esteja pensando que tais apóstatas seriam mais culpáveis do que àqueles que originalmente clamaram “crucifica-o”, que nunca conheceram coisa alguma acerca da maravilhosa graça de Deus através de Cristo. Qualquer pessoa que voltasse do cristianismo para o judaísmo se identificaria não somente com a descrença judaica, como também com aquela maldade que levou a crucificação de Jesus. As palavras para si mesmos ou “por conta própria” tornam claro que devem assumir a plena responsabilidade pela crucificação. Além disto, o escritor explica que o efeito desta ação é este: expondo-o (a Cristo) à ignomínia (paradeigmatizontas, outra palavra achada somente aqui no Novo Testamento). Não poderia haver maneira mais vívida de identificar a posição dos apóstatas com aqueles cujo ódio a Cristo os levou a exibi-Lo como objeto de desprezo numa odiada execução romana. A condenação destas pessoas é tão forte que nada senão a atuação mais grave da parte deles poderia explicá-la. Subentende uma atitude de hostilidade incessante.

Esta passagem tem causado extensos debates, e tem resultado em muitos mal-entendidos. O problema principal é se o autor está dando a entender que um cristão pode cair tão longe da graça até o ponto de ser culpado do pior delito possível contra o Filho de Deus. Se a resposta for “sim” como explicamos aquelas outras passagens que sugerem a segurança eterna dos crentes? As seguintes considerações podem ajudar a compreender a mente do escritor a esta altura:

1. Calvino, convicto de que Deus vigiava Seus eleitos, somente podia supor que o ato de “provar” mencionado aqui era meramente uma expressão parcial e que as respectivas pessoas não corresponderam a ela (Calvino, Comm., pág. 76). A dificuldade com semelhante hipótese é que não está à altura das palavras da Epístola, que não dão impressão de iluminação incompleta. Calvino fala de alguns vislumbres de luz. Faz uma distinção entre a graça recebida pelos réprobos e a que é recebida pelos eleitos. (Calvino, Institutio, III, ii, 11).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

2. Do outro lado, pode ser alegado que, tendo em vista as declarações desta Epístola, permanece a possibilidade para qualquer crente apostatar da mesma maneira descrita aqui? Isto tornaria menos certa qualquer garantia da fé. Até mesmo tem sido sugerido que a severidade da advertência aqui talvez forma ligação com o pecado imperdoável contra o Espírito Santo. Alguns têm ficado profundamente perturbados, perguntando-se se já teriam cometido semelhante pecado. Mas ninguém com um estado de mente tão endurecido até o ponto de expor o Filho de Deus à ignomínia se preocuparia em qualquer momento com uma questão desta natureza. A própria preocupação é evidência de que o espírito Santo ainda está ativo.
3. Deve ser levado em conta que nenhuma indicação é dada nesta passagem de que qualquer dos leitores tinha cometido o tipo de apostasia mencionada. Parece que o escritor está refletindo sobre um caso hipotético, muito embora, na natureza do argumento inteiro, deve ser suposto que era uma possibilidade real. A intenção, claramente, não é fazer uma dissertação sobre a natureza da graça, mas, sim, dar uma advertência nos termos mais enfáticos possíveis. A passagem inteira é vista do lado das responsabilidades do homem e deve, portanto, ser considerada limitada. Outras palavras, o lado divino deve ser contrastado com esta passagem para ser obtido um equilíbrio verdadeiro.
4. A passagem, além disto, declara a impossibilidade em termos de restaurar os transgressores a uma nova condição de arrependimento (vv. 4-6). Surge a pergunta acerca do escopo do arrependimento aqui. Refere-se ao ato inicial de um homem quando vem a Deus, no sentido em que parece ser usado no v.1? Se for assim, é claramente impossível uma segunda realização de semelhante ato inicial, embora seja certamente possível lembrar-se dele. Visto que o arrependimento é um ato que envolve a auto-humilhação do pecador diante de um Deus santo, fica evidente porque um homem com uma atitude de desprezo para com Cristo, não têm possibilidade de arrependimento. O processo do endurecimento fornece uma casca impenetrável que remove toda a sensibilidade para com o pleitear do Espírito. Chega-se a um ponto de nenhum retorno, quando, então, a restauração é impossível. Embora o escritor esteja expondo um caso extremo, tem confiança nos seus leitores (v. 9). A pesar disto, acha necessário voltar a advertir severamente no cap. 10.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O texto a seguir foi Extraído da **Enciclopédia O Novo Testamento Explicado**, de R. N. Champlin, Editora Candeia, 1998, vol. 5, págs. 537-540.

«...É impossível... » O que é impossível? A restauração dos apóstatas. O que é possível para o crente? A apostasia. Essas são as idéias do autor sagrado. E essa é a única interpretação honesta. É inútil, por exemplo, vermos qualquer exceção a isso, observando-se que, no sexto versículo, onde aparece o verbo principal («...e caíram... »), a idéia está condicionada à ação maligna de haverem «crucificado ao Filho de Deus». Esta ação está apresentada no particípio presente, que pode ser traduzido como «enquanto crucificam ao Filho de Deus», o que poderia indicar que, se abandonarem tal atitude, sua renovação é possível. Seria uma observação vã dizer que «É impossível renovar os apóstatas enquanto persistirem em crucificar novamente a Cristo, com sua rebeldia». Isso é tão obvio que nem mereceria atenção. Mas o que precisa ser mencionado é que é «impossível» renovar os apóstatas, e que os verdadeiros crentes podem apostatar. E é exatamente esse o aspecto que dá a esta passagem sua urgência particular. Portanto, a tradução correta seria: «...É impossível restaurar ao arrependimento aqueles que antes foram iluminados... se cometem apostasia, posto que assim crucificam ao Filho de Deus, para seu próprio detimento, expondo-o à ignomínia... ». Esse é o sentido claramenteencionado pelo autor sagrado. Ele meramente expressava uma comum interpretação rabínica, com base em Num. 15:28 e ss., onde se vê que havia perdão para os pecados de ignorância, através de sacrifícios cruentos, mas não havia perdão para pecados «voluntários» ou de «presunção», mediante aqueles sacrifícios. Naqueles casos o indivíduo era «cortado» de Israel, sem qualquer remédio. Que nosso autor tem em mente essa tradição é evidente com base em Heb. 10:26, onde ele menciona especificamente a «fatalidade» do «pecado voluntário». Para tal pecado não havia sacrifício – ficava fora do alcance expiatório dos sacrifícios. O que resta é apenas uma espera temível pelo juízo e pela indignação divina. Se os interpretes ansiassem por interpretar o autor sagrado com base no que ele provavelmente cria, devido suas conexões com a tradição judaica, e não com base no que «ele teria dito, para concordar com nossa teologia», não haveria dificuldade e nem confusão em torno deste texto. Naturalmente, o problema seguinte é: O autor sagrado estava com a razão? Em resposta a isso observamos que há alguns conceitos do A.T. (como o presente) que o N.T. ultrapassou. A idéia inteira do julgamento é exemplo disso. O conceito judaico era tremendamente duro e inflexível, sem admitir qualquer modificação ou exceção. E há passagens do N.T.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

que refletem isso. Mas há outras passagens, como as de I Ped. 3:18-20; 4:6; Fil. 2:9-11 e o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, que vão além dessa posição, mostrando que o Verbo eterno tem um alcance remíndor que lança raios de esperança que iluminam o inflexível conceito de julgamento. É claro que isso não inclui a restauração de todos a uma posição igual à dos eleitos, mas indica que o julgamento envolveria mais do que mera retribuição – também tem aspectos disciplinadores e restauradores, até onde isso agradar a Deus, a fim de que tudo redunde na glória de Cristo. O trecho de Efe. 1.10, que alude ao «mistério da vontade de Deus», alude a esse tipo de interpretação. Mas esse é um conceito extremamente sublime do N.T., que ultrapassa à visão do A.T. Assim, no presente contexto, embora o autor sagrado demonstre uma visão puramente judaica, sobre a total impossibilidade de recuperação dos apóstatas, contudo, há outras passagens do N.T., como aquelas que falam sobre a segurança final e necessária daqueles que confiam em Cristo (segundo se vê no décimo capítulo do evangelho de João e no oitavo capítulo da epístola aos Romanos), que lançam um raio de esperança sobre o caso até mesmo dos apóstatas.

O Progresso da Doutrina

1. Por que nos surpreenderíamos que um escritor do N.T. soubesse mais acerca de alguma questão ou doutrina espiritual do que outro? Por que teríamos de pensar que todos eles se achavam no mesmo nível de conhecimento? Admitimos livremente, que o N.T. transcende ao A.T. quanto ao conhecimento e à profundezas espirituais. Porventura Paulo não conhecia mais que os demais apóstolos, a respeito da graça e do destino humano, em Cristo?
2. Se esse é o caso, então é possível que o autor da epístola aos Hebreus, na idéia que formava sobre a apostasia, como algo não somente possível a um verdadeiro crente, mas também absolutamente fatal e sem remédio, não tivesse tão completa visão do poder e da misericórdia de Cristo, como se depreende de outros trechos do N.T.
3. É insensatez distorcer o texto presente, fazendo-o ensinar algo que ele não ensina, a fim de «reconciliá-lo» com outros trechos bíblicos. Isso faz-nos pensar no trecho de Num. 15:28 e ss., o qual, até onde posso ver, tem seus conceitos ultrapassados nas páginas do N.T.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

4. O poder de Cristo aparece como algo grandioso, na epístola aos Hebreus. Na realidade, porém, ainda é maior do que ali se retrata. Outras passagens do N.T. existem que nos fornecem visões que ultrapassam, em muito, ao entendimento refletido por essa epístola, quanto a certas particularidades. O autor sagrado, apegando-se a idéias judaicas, cria que um verdadeiro crente pode apostatar. Aferrado a essa mentalidade, ele via fatalidade absoluta na apostasia. Outras passagens do N.T. concordam com ele – a apostasia é possível (ver I Cor. 9:27, corretamente compreendida; e ver também Col. 1:23). Essa tradição é tão sólida no N.T. que sua veracidade precisa ser admitida. Porém, o novo pacto também frisa a idéia da eventual «segurança» para aqueles que conhecem a Jesus Cristo como seu Salvador. De alguma maneira, Cristo nunca permitira que se percam. Isso envolve uma eventual restauração, ou nesta esfera terrena ou em algum campo espiritual, onde o Verbo eterno os buscara. Mas, embora essa seja a verdade, não devemos permitir que tal fato suavize a advertência contra a apostasia. Pois esta é possível; e ela leva a alma à agonia e ao desastre, mesmo que a graça de Deus venha eventualmente a aliviá-la.

As Muitas Interpretações Sobre Essa Passagem

Qual é a interpretação da presente passagem? Antes de apresentarmos a exposição geral sobre a difícil passagem dos versículos quarto a sexto deste capítulo, consideremos os diversos tipos de interpretação que se tem vinculado à mesma:

1. *A interpretação arminiana normal:* A maior parte dos arminianos vê, nas Escrituras, o perigo real da apostasia. Esses entendem que esta passagem da epístola aos Hebreus da apóio a sua idéia. Até esse ponto certamente estão certos, apesar de não verem a eventual restauração dos apóstatas como algo «necessário» (se esses foram, de fato, verdadeiros crentes). Porém, a maioria dos arminianos crê que a restauração dos apóstatas é possível, posto que não «necessária». E nisso entram em contradição com o autor sagrado, embora certamente estejam certos, com base em outras passagens do N.T. A fim de consubstanciar essa idéia, porém, precisam torcer o texto presente, de uma maneira ou de outra. É melhor dizermos simplesmente que este conceito foi ultrapassado, pois, revelações maiores, que revelam a vasta significação do ofício remidor de Cristo.

2. *A interpretação arminiana radical:* Essa interpretação afirma exatamente o que o texto diz. A apostasia é possível para um crente verdadeiro, e é algo totalmente sem



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

remédio. Essa interpretação ignora outras revelações neotestamentárias mais elevadas sobre o tema. Limita o ofício remidor de Cristo aos conceitos judaicos. Interpreta corretamente o texto presente, mas não deixa penetrar luzes maiores dadas por outras passagens do N.T. Ver Num. 15:30.

3. *A interpretação calvinista franca:* Segundo essa interpretação, os indivíduos aqui referidos não podem ser crentes verdadeiros. Estes (crentes em apostasia) seriam contrastados com os verdadeiros crentes, aludidos no nono versículo «Quanto a vós outros; todavia, ó amados, estamos persuadidos das cousas que são melhores e pertencentes a salvação, ainda que falamos desta maneira». Os indivíduos aludidos na presente passagem seriam apenas iluminados, mas que ficaram aquém da regeneração. Se alguém chegar a esse estado, terá muitas vantagens; contudo, poderá cair, sendo «impossível» renovar os tais. Essa interpretação evita a questão inteira ignorando o fato evidente que o autor sagrado falava sobre «crentes reais», que a eles é que fez tais advertências. Não estava advertindo «leitores fantasmas». (Quanto a notas expositivas que abordam a questão, ver Hebreus. 3:6b e 4:1). Pensar que tais avisos não se destinam a crentes é contradizer a tese central consubstanciada neste tratado, fazendo com que o livro (que consiste essencialmente de uma advertência para não nos desviarmos e chegarmos a apostasia) não tenha qualquer aplicação aos crentes. Isso é um absurdo. Ninguém jamais teria pensado em tal interpretação, a não ser aqueles que precisam harmonizar tudo a um padrão teológico de propósito comumente aceito, ao invés de modificarem sua «teologia» mediante idéias novas. Essa interpretação ignora o fato que o N.T. contem tanto a idéia de «possibilidade de queda» como a idéia de «segurança». Talvez tenhamos aqui um «paradoxo», isto é, um ensino «autocontraditório». É melhor nos aceitarmos ambos os aspectos da verdade bíblica, chamando-os de formadores de um paradoxo, deixando que a questão seja reconciliada quando tivermos recebido maior luz, do que rejeitarmos um ou outro aspecto da verdade. O tema é meramente uma subcategoria daquele «paradoxo» ainda maior, isto é, o do «livre-arbítrio versus determinismo divino», que é um dos principais problemas científico, filosófico e teológico. De algum modo, o homem e ao mesmo tempo livre e está sob obrigação. De alguma maneira Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como isso pode ser. O livre-arbítrio e o determinismo são ambos aspectos da verdade bíblica, mas não sabemos harmonizá-los. Contudo, a segurança eterna e a possibilidade de queda podem admitir certa reconciliação entre si. Pelo menos, poderíamos especular acerca desta ultima questão. Tal especulação aparece nas notas expositivas sobre Rom. 8:39, com comentários mais breves nas notas presentes e em Heb. 3:6b e 4:1.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

4. *A interpretação calvinista modificada:* Essa diz que aqueles que foram «iluminados, mas ainda não foram regenerados» podem ser restaurados, porquanto a sua restauração só será impossível enquanto «continuarem a crucificar ao Filho de Deus» (ver o sexto versículo deste capítulo, tirando proveito da interpretação possível do particípio presente).
5. Ainda dentro do campo calvinista, temos a interpretação hipotética. Segundo essa interpretação, as advertências constantes na epístola aos Hebreus, incluindo a presente, visam «crentes verdadeiros», mas meramente advertiriam contra a apostasia, usando essas advertências para «assustar» aos crentes. Porém, ao analisarmos de perto a questão, ainda segundo essa interpretação, nenhuma apostasia seria de fato possível. E as próprias advertências serviriam de instrumentos para impossibilitar a apostasia. Portanto, a apostasia seria apenas algo «hipotético». Essa interpretação, naturalmente, é totalmente ridícula. Faz com que o autor sagrado pareça um escritor desonesto. Este faria advertências, mas estas seriam apenas pílulas de açúcar, fantasmas terríveis, mas, sem qualquer substância real, embora tenham o poder de aterrorizar as pessoas. Com razão, pois, até mesmo a maioria dos próprios calvinistas repele essa noção.
6. *Ainda dentro do campo calvinista:* Há aqueles que dizem que esses avisos se destinam aqueles que tem muitas vantagens, como a criação em um lar crente, o terem sido batizados na idade infantil, o terem freqüentado escolas cristas, mas que, chegados a idade adulta, tomam suas próprias decisões, revoltando-se contra seus pais e seus mestres, abandonando a fé crista. Naturalmente, esses nunca foram verdadeiros crentes. Mas, apenas gozaram de vantagens próprias dos crentes. Essa interpretação equivale as de numero três e quatro, embora com a leve distorção que estaríamos tratando com membros jovens das igrejas, que finalmente se revoltam, ao chegar o tempo de assumirem responsabilidade diante de Deus. Pouquíssimos intérpretes levam a sério essa interpretação. Nada há no contexto que sugira tal refinamento.
7. *A teoria dos pouquíssimos apóstatas:* Voltando as interpretações arminianas, encontramos a deste parágrafo. Alguns admitem que haverá «alguns apóstatas», os quais ficam inteiramente fora da esperança de restauração. Judas Iscariotes é salientado como um desses exemplos. Seriam indivíduos apóstatas quanto às doutrinas, que se revoltariam contra Cristo, negando-o inteiramente, embora antes tivessem sido crentes autênticos. Não seriam os que entram meramente em uma vida pecaminosa, mas sua apostasia envolve a fé básica, e não a mera moralidade



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

que não vive segundo os padrões do cristianismo. Isso é possível, mas teríamos de esperar um numero «extremamente reduzido» de casos; portanto, não haveria qualquer problema para a «igreja em geral». Trata-se de uma espécie de interpretação «arminiana-calvinista», que permite a apostasia (ponto de vista arminiano), mas, que não lhe dá campo largo, de tal modo que, para todos os propósitos práticos, não se transforma em um problema (calvinismo). Mas que isso é uma noção falsa fica evidente diante do próprio fato que o autor sagrado se preocupava com «todos» os seus leitores, fazendo-lhes continuamente advertências severas no seu tratado. Certamente, ele sentia que o desvio para a apostasia representa um perigo real, para todos para quem escreveu, e não meramente para algum grupo de pessoas extremamente raras, nenhuma das quais se acharia entre seus leitores.

8. *A interpretação do paradoxo:* Tanto a possibilidade de queda como a segurança eterna, são verdades bíblicas, ensinadas em diferentes lugares do N.T. O trecho do sexto capítulo da epístola aos Hebreus parece favorecer os arminianos, pois ensina a possibilidade de queda. Outras passagens, como o oitavo capítulo da epístola aos Romanos, parecem favorecer a idéia da «segurança eterna», sem qualquer qualificação. No presente não temos qualquer meio de reconciliar essas idéias. Nossa responsabilidade é aceitar a ambas, aplicando-as a nossa vida e deixando a questão da reconciliação nas mãos de Deus. Essa talvez seja a maneira correta de ver o problema, embora este comentário tente uma reconciliação, que reputamos ser razoável, e não ate mesmo absolutamente certa.

9. Alguns supõem que a possibilidade de queda é uma realidade, mas que o juízo prometido para os que caem não é o juízo eterno, e, sim, alguma severa disciplina da parte de Deus. Isso significaria que aqueles que caem não deixam de ser crentes, em qualquer sentido absoluto. Mas isso obviamente não está em foco no presente texto. A passagem de Hebreus. 10:27 mostra-nos que os apóstatas (e os referidos como tais realmente tinham apostatado) só podem esperar o temível fogo da indignação divina como sua sorte. Certamente está em foco o julgamento eterno. «Horrível cousa é cair nas mãos do Deus vivo» (Hebreus. 10:31).

10. A única interpretação que parece adaptar-se tanto a esta passagem como a outras passagens do N.T. que a modificam, e aquela que leva em conta os pontos seguintes:

a. A que admite a interpretação arminiana: é possível a queda, e todos os crentes enfrentam esse perigo.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

b. A que admite a interpretação calvinista: a segurança do crente é uma realidade, e haverá de caracterizar finalmente a todos os remidos.

c. Portanto, a queda é algo relativo a experiência da alma, antes de serem traçadas as linhas eternas, quando do juízo, por ocasião da «parousia» ou segundo advento de Cristo.

Notemos que tais linhas serão traçadas quando da segunda vinda de Cristo, e não por ocasião da morte física (o que é comentado em I Pedro. 4:6), Portanto, até aquela oportunidade, sem importar se alguém se acha no campo físico ou espiritual, a restauração da alma é possível.

d. A segurança é absoluta porque, finalmente, deverá caracterizar a pessoa que se entregou confiantemente aos cuidados de Cristo.

e. O ofício remidor pertence ao Verbo eterno, e não meramente a ele ao encarnar-se nesta esfera terrena; portanto, ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço. Os trechos de I Pedro. 3:18-20; 4:6 e o primeiro capítulo da epistola aos Efésios ensinam tal necessidade, e não meramente a deixam implícita. O que foi dito aqui concorda com as linhas mestras de interpretação encontradas nos pais gregos e alexandrinos da igreja, como Justino Mártir, Pantaeno, Clemente de Alexandria e Orígenes, embora não tivessem expressado a questão exatamente com esses termos. Apesar de não termos resposta absolutamente certa para uma passagem como a presente, essa linha de pensamento parece ser a abordagem mais frutífera de todas. O próprio autor sagrado, entretanto, quis ensinar o que é expresso na segunda dessas dez posições. E ainda há outras interpretações que mesclam ou modificam aquelas que são aqui apresentadas.

Cotton (in loc.), reconhecendo o fato evidente que o autor sagrado não aceitava a renovação após a apostasia como algo possível, diz o seguinte: «Tal é o claro sentido do escritor sagrado. Que se pode dizer sobre ela? Atitude vai a questão da apostasia sob perseguição, a igreja cristã não tem seguido o autor sagrado, mas antes, tem feito provisão para os caídos que depois se arrependeram, o que deu origem a instituição da penitência. Na prática, a igreja deixou de lado esta passagem. Podemos transformá-la em um vespeiro de argumento teológico – para a nossa vergonha». (Em seguida Cotton mostra a futilidade dos argumentos comumente aplicados ao texto, ao dizer): «Se um homem realmente cai, e porque nunca participou deveras dos benefícios mencionados nos versículos quarto e quinto. Se ele realmente participou desses benefícios, então é que realmente nunca



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

caiu, sem importar quais sejam as aparências externas. Se, após uma queda aparente, ele volta em penitência e manifesta os sinais de uma vida cristã fiel, realmente nunca caiu. Todo esse argumento é um círculo vicioso e fútil».

Mas, finalmente, Cotton lança luz sobre a passagem, embora admitindo a sua severidade: «Nada existente nesta passagem deve levar-nos a duvidar da total misericórdia de Deus; pois, do contrário, esta passagem destruiria o evangelho. É verdade que abusamos de Jesus quando pecamos. Mas o Senhor Jesus pode tolerar o ridículo. Ele orou por aqueles que zombavam de seus sofrimentos, na cena da cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Luc. 23:34). Pedro, um dos discípulos favoritos, que certamente estava qualificado, se alguém já o esteve, para os benefícios alistados pelo autor sagrado nos versículos quarto e quinto, também submeteu seu Senhor ao opróbrio. Contudo, depois disso foi recebido por Jesus, foi perdoado e se tornou pregador do dia de Pentecostes, um dos líderes da igreja. Deus nunca fará ouvidos surdos para o clamor sincero da fé, por mais que tenhamos pecado. Jesus ensinou a seus discípulos que perdoassem até "setenta vezes sete" (ver Mateus. 18:22)... Não admira que os apóstolos tivessem clamado: "Aumenta a nossa fé" (ver Lucas. 17:5). Mas Jesus falava em favor de Deus, e Deus cumpre as suas promessas. Por conseguinte, quando qualquer pecador hesitante, sem importar quanto profundamente tenha caído, e impedido de penitenciar-se, por esta passagem, ou por qualquer outra declaração da Bíblia, e que não estaremos "manuseando corretamente a palavra da verdade" (ver II Timóteo. 2:15). Esse autor, pois, diz indiretamente aquilo que digo diretamente neste comentário. Ele lança a luz de outras passagens neotestamentárias sobre a questão, e vê nisso uma constante e grandiosa esperança. Qual é a significação histórica desse tema da impossibilidade de arrependimento para os apóstatas? Esse tema é um dos assuntos distintivos deste tratado, e que só ocupa o segundo lugar antes do ensinamento sobre o sumo sacerdócio de Jesus Cristo. (Ver também Hebreus. 2:2, 3; 10:26 e ss.; 12:25 e ss., quanto a instâncias em que tal ensino é encontrado). A epístola aos Hebreus, acima de qualquer outro livro do N.T. enfatiza o sacerdócio de Cristo (que é seu tema principal); e, além de outras coisas, ressalta a fatalidade da apostasia. Tertuliano, o montanista, e outras seitas rigorosas da igreja cristã, têm usado esta passagem como «texto de prova» para seu costume de se recusarem a aceitar de volta na igreja os que se haviam «desviado», embora esse lapso tenha ocorrido debaixo de perseguição. (Quanto ao uso desta passagem pelas controvérsias montanista e novaciana, ver Tertuliano, de Pudc., cap. XX). Porém, a correnteza principal da igreja se recusou a permitir esse costume, recebendo de volta aqueles que se tinham desviado; mas não os rebatizavam, supostamente



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

encontrando nesta passagem uma base para isso. (Ver Atanasio, Ep. ad Serap., §13, vol.). É possível que o autor sagrado concordasse com a idéia que o «desejo de ser reintegrado», após o lapso, é prova de que não houve verdadeira apostasia. Porém, não podemos ter certeza a esse respeito.

Qual é a base desse ensinamento?

Tal alicerce se acha na interpretação única, justificada em Num. 15: 28 e ss. Mas o autor sagrado, em sua forte fase sobre o aspecto de «finalidade» da revelação divina, em Cristo, bem raciocina que se uma revelação é final, mas chega a ser rejeitada, nada mais existe para onde possa ir um homem. Terá rejeitado a única esperança, não havendo razão para supormos que retornará a uma esperança que ele mesmo rejeitou. Ele não atribui essa impossibilidade ao lado divino; ou pelo menos, isso não se evidencia no texto sagrado. Antes, parece que a impossibilidade reside na própria pessoa. Aquilo que um nem se recusa continuamente a fazer, não querendo obedecer à vontade de Deus, finalmente se torna para ele uma «impossibilidade moral», não porque Deus assim o decrete, mas porque já perverteu seu próprio senso moral até chegar a total insensibilidade. Qual é a relação que tem esse pecado de apostasia com o pecado imperdoável, referido em Mateus. 12:31, 32? (Ver as notas expositivas nessa referência, a respeito do «pecado imperdoável»). Se tomarmos a posição de que este pecado é uma forma agravada de rebelião contra Deus e seu Cristo, uma espécie de produto final da revolta humana contra o Senhor, e que chegou ao extremo da apostasia, então certamente esses dois ensinamentos paralelos. Porém, se assumirmos o ponto de vista «dispensacional», que diz que o pecado imperdoável só podia ser cometido nos dias de Jesus na carne, exigindo a sua presença, quando os homens atribuíam suas obras miraculosas ao poder de Satanás, então não haverá qualquer paralelismo, exceto em atitude, entre esta passagem e o «pecado imperdoável», que aparece nos evangelhos sinópticos. Este comentário toma a posição que o pecado imperdoável só podia ser cometido por pessoas da época de Jesus, que viram pessoalmente o seu ministério e o rejeitaram, atribuindo tudo a Satanás. Outrossim, é duvidoso que os piores inimigos de Jesus tivessem sido suficientemente iluminados quanto à «origem» das obras de Jesus, de modo a entenderem, pelo menos intuitivamente, que ele realmente provinha de Deus. Assim sendo, é até mesmo possível que ninguém tenha jamais, cometido o pecado imperdoável. Consideremos o caso de Saulo de Tarso. Quem, dentre todos os inimigos de Jesus,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

foi tão amargo quanto ele, tão inclinado às blasfêmias? Contudo, é óbvio que ele nunca se tornou culpado desse pecado. Julgo que ninguém jamais o cometeu, embora fosse possível. Provavelmente, pois, não há qualquer conexão entre esta passagem do sexto capítulo da epístola aos Hebreus e o «pecado imperdoável» que aparece nos evangelhos sinópticos. «A conexão entre esta passagem e a anterior, portanto, é que se alguém ficar satisfeito com sua presente e elementar possessão da verdade cristã, e que a entende de modo inadequado; a força da tentação é tão forte que essa familiaridade rudimentar não impedia que alguém caia; e aquilo que assegura a posição religiosa de alguém consiste em ver o pleno sentido do que Jesus é e faz. Esse é o sentido que o autor sagrado anelava por transmitir, e não como coisa extra, e, sim, como algo essencial. Essa situação é tão séria, deixa ele entendido, que somente aqueles que percebem plenamente o que Jesus significa, no campo do perdão e da comunhão serão capazes de manter-se firmes. E uma vez que alguém se torne relapso, argumenta ele, uma vez que abandonamos a fé, isso é fatal. As pessoas que deliberadamente abandonam sua confissão de fé cristã não podem mais ser recuperadas. Tal ponto de vista sobre a apostasia, como ofensa hedionda, já que destrói toda a esperança de recuperação, é característica deste tratado (aos Hebreus). Mas essa posição não se confina a este autor sagrado. A idéia que certas pessoas não podiam arrepender-se de seus pecados era admitida já pelos rabinos judeus. Por muitas e muitas vezes encontramos a declaração: "Para aquele que peca, e leva outros a pecarem, nenhum arrependimento é permitido ou é possível" (Aboth, v. 26; Sanhedrin, 107b). "Aquele que se entregou totalmente ao pecado é incapaz de arrepender-se, não havendo perdão para o tal, para sempre" (Midrash Tehillim sobre o Salmo 1 ad ! fin.). (Moffatt, in loc., o qual compreendeu bem a mensagem do presente texto). Essa atitude vai além do que diz Filo, o qual admite o perigo de quem não é aprovado em qualquer empreendimento moral, mas que nunca condena a quem tiver assim falhado à impossibilidade de recuperação. (Ver , de agricultura, 2S, comentando sobre Gen. 9:20). As pessoas aqui advertidas são crentes: Isso é patenteado pelo próprio fato que as coisas aqui alistadas são características dos crentes (iluminação, prova, etc.), como coisas paralelas aos «princípios elementares» do cristianismo, referidas nos versículos primeiro e segundo. Aqueles que são aqui aludidos já tinham ouvido e já participavam dessas bênçãos. Portanto, eram crentes. Não há qualquer indício que fossem «pseudocrentes», que tivessem sido iluminados, mas que tivessem ficado sem a regeneração. Isso é estranho ao contexto e a mentalidade do autor sagrado, sendo idéia diretamente contrária a própria tese deste tratado, que visa advertir a crentes que se desviavam e que corriam o perigo de apostatar.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Qual é a natureza da apostasia em foco? Apesar de que a apostasia aqui aludida certamente e «doutrinária» e «espiritual», visto que envolvia a negação de Cristo e de sua missão, é óbvio que isso é visto como algo «provocado» pelo desvio e pelo retrocesso moral. Toda a epístola aos Hebreus, até este ponto, serve de prova a esse respeito. O autor sagrado já mostrara que seus leitores tinham de progredir na inquirição espiritual, pois, do contrário, estagnariam, desviar-se-iam, e, em seguida, apostatariam. Portanto, o aspecto «moral» está incluído. Não se tratava de mera negação «doutrinária» de Cristo. Eram ateus na vida diária, antes de sê-lo nas doutrinas; sua vida era rebelde, antes de se rebelarem em suas idéias; eram «incrédulos na prática», antes de o serem teoricamente. «...foram iluminados...» Essas palavras poderiam indicar uma das seguintes coisas: 1. Ou que foram batizados, visto que o termo «iluminação» era freqüentemente empregado com o sentido de ser batizado. 2. Ou talvez se refiram à iluminação do Espírito. 3. Mas também podem estar incluídas ambas as idéias: a iluminação do Espírito por ocasião do batismo. O uso da palavra «iluminação», em alusão ao batismo, era bastante comum na época de Tertuliano, talvez como termo tomado por empréstimo das religiões misteriosas, que assim denominavam seus ritos de ablucções e lavagens. 4. Sem importar se temos aqui ou não uma alusão ao batismo, o autor sagrado indica definitivamente uma autêntica iluminação do Espírito sobre o crente, o qual vem assim a reconhecer a Cristo como seu Salvador, que é a Luz do mundo. (Ver o trecho de Efe. 1:18 e as notas expositivas ali existentes, sobre a «iluminação dada pelo Espírito»). Os intérpretes que fazem essa iluminação não equivaler e ficar aquém da «regeneração», fazem o texto ser uma zombaria, como se o mesmo não estivesse falando para crentes e nem se referisse a eles, mas como se tivesse aplicação a «leitores fantasmas», que não são identificados no tratado e nem tem qualquer conexão com os crentes que talvez lessem este livro. Não há justificativa, no próprio texto, que nos permita entender senão que o autor considerava seus leitores como crentes autênticos. Eram pessoas que tinham saído das trevas do paganismo para a luz divina, mas que começavam a interessar-se novamente pela sua vida anterior. Ou então eram crentes judeus que tinham chegado a perceber a real luz de Deus, em Cristo, prefigurado no A.T., mas que começavam a inclinar-se por retornar a religião judaica inferior, e, portanto, «sem luz». «Os quais de uma vez para sempre tinham deixado as trevas de sua vida anterior, tendo sido iluminados pelo ensinamento do evangelho» (Erasmo, in loc.).

A iluminação e o batismo: O primeiro desses vocábulos é usado para indicar o «batismo», nos escritos de Justino Mártil (Apol. I.62); Tertuliano (de Pudic., cap. XX); e Crisóstomo, em sua homilia, que se dirigia aos candidatos ao batismo: "Aqueles



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

que estão prestes a serem iluminados". A versão síraca peshito, de séculos posteriores, traduz esta passagem como segue: «Os quais de uma vez por todas desceram ao batismo». Apesar de que o próprio N.T. nunca chama o batismo de «iluminação», as religiões misteriosas, anteriores ao cristianismo, já tinham tal expressão, que usavam acerca de seus vários tipos de «batismos». Portanto, é possível, embora não seja provável, que se pretenda fazer aqui tal equiparação. E que dizer sobre o testemunho do trecho de Heb. 10:32? Notemos que, nesse referido versículo, é usado o mesmo termo grego para indicar os cristãos hebreus: «...Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores em que depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos...». É realmente duvidoso que possamos aplicar a palavra «iluminado» a um incrédulo, a uma alma «não-regenerada», de acordo com o que se lê no N.T. Excetuando a necessidade que alguns tem de erigir um sistema teológico no qual não haja problemas – em que tudo fique em estado de harmonia e reconciliação – nunca teria sido ensinado que termos como os que se acham nos versículos quarto e quinto deste capítulo poderiam ser aplicados a incrédulos. Os mesmos termos, achados em qualquer outra conexão (além daquela que admite a possibilidade da apostasia), teriam sido reputados por todos nós como aplicáveis exclusiva e obviamente a crentes. «...uma vez foram iluminados...», isto é, houve um momento específico quando foram iluminados, e nesse estado viveram por algum tempo. Algumas traduções dizem aqui «de uma vez por todas», salientando a realidade (e suposta «finalidade») da experiência. Esse sentido é possível, segundo se deduz do fato que vários autores usam o termo grego «apaks» desse modo. (Ver Hipocr. Eph. 27,41; Aeliano, V. H. 2,30; Salmos de Salomão 12:6; Filo, Ebr. 198; Josefo, Guerras dos Judeus, 2.158; Antiq. 4:140). O trecho de Heb. 10:2 também parece exigir esse significado.

«...provaram o dom celestial... » Alguns intérpretes chegam aqui ao extremo absurdo de estabelecer distinção entre «provar» e «beber», como se «provar» fosse uma experiência superficial do Espírito, ao passo que «beber» indicasse uma experiência mais plena e real. Porém, o termo «provar», nos escritos rabínicos, significa «participação», «experiência em», não havendo qualquer modificação da idéia. Notemos, em Heb. 2:9, como se diz que Cristo «provou a morte por todo homem». Porventura ele apenas entrou «parcialmente» no estado de morte? Sofreu apenas parcialmente pelos homens? A palavra «provar» indica simplesmente uma verdadeira participação em algo, o que é poeticamente expresso. Conforme diz Moffatt (in loc.), essa palavra indica uma «metáfora grega helenista contemporânea para indicar experiência». (Ver Philo, quanto ao mesmo emprego, em de Abrah, 19; de Somniis, i.26; e também Josefo, Ant. iv.6,9).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

«...dom celestial...» Há um grande numero de estranhas interpretações sobre essa expressão, a saber: 1. Alguns pensam na Ceia do Senhor, talvez por sugestão da palavra «provar», tal corno «iluminação» poderia sugerir o batismo. 2. Outros imaginam a eucaristia vista sacramentalmente, como agente que transmite aos homens o corpo e o sangue de Cristo. 3. A regeneração em geral. 4. A persuasão por aceitar as condições da vida eterna. 5. A graça abundante do cristianismo. 6. A fé. 7. O evangelho. 8. O dom celeste que produz a iluminação, ou seja, o Espírito Santo. 9. O próprio Cristo (supostamente um paralelo de II Cor. 9:15). 10. A vida eterna, vista como algo dado através de Cristo (ver Rom. 6:23). 11. O infinito amor de Deus. Não há como identificar o que o autor queria dizer com plena certeza; mas algo como a vida eterna, através de Cristo, mediante o Espírito adapta-se ao contexto.

«...participantes do Espírito Santo... » (Ver sobre o «dom do Espírito» e o «batismo do Espírito Santo», nas notas expositivas sobre Atos 2:4; ver a nota de sumário sobre o «Espírito», em Rom. 5:1). A questão de terem eles «participado» do Espírito significa que, tendo-se convertido, chegaram a ser habitados pelo Espírito, indicando que foram «dotados» por ele. Notemos que, no segundo versículo deste capítulo encontramos a «imposição de mãos», mediante o que o Espírito era dado, e através da qual ação os homens são espiritualmente «dotados». Tais coisas faziam parte do cristianismo «elementar». Portanto, não há razão alguma para supormos que esteja em foco qualquer coisa menor que a presença habitadora e os dons espirituais. No Espírito lhes foram dados todos os recursos necessários para a vida santa e para o sucesso final na inquirição espiritual. Porém, a rejeição voluntária de Cristo pode reverter todas essas bençãos, já que o Espírito Santo é o alter ego de Cristo, permanecendo somente com aqueles que lhe são fieis. Não há aqui qualquer indício direto de algum «pecado contra o Espírito Santo» (o «pecado imperdoável» que figura nos evangelhos sinópticos – ver Mateus. 12:31,32). Mas o autor sagrado acreditava definitivamente que «pecar» é desviar-se, o que leva à apostasia, exclui o Espírito.

O Espírito Santo é o agente da totalidade da salvação; ele inspira fé, leva a conversão e produz a santificação; por igual modo transforma-nos segundo a imagem moral e metafísica de Cristo. Rejeitar a Cristo, pois, equivale a perder o ministério do Espírito Santo em todos esses aspectos. O Espírito de Deus é o agente de todos os benefícios enumerados nos versículos quarto e quinto deste capítulo.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Em defesa da posição calvinista, vários escritores se têm esforçado por mostrar que alguns incrédulos, que apenas imitam crentes reais em sua profissão religiosa, de algum modo «participam» do Espírito Santo, ilustrando com casos como o de Judas Iscariotes, com a semente que cai sobre o solo rochoso, etc. Uma vez mais, porém, isso faz com que o texto tenha sido escrito para uma audiência fantasma, e não para uma audiência real e conhecida (o que é um absurdo), não reconhecendo o paralelismo entre os versículos quatro e cinco, por um lado, e primeiro e segundo, por outro, que descrevem como os leitores tinham participado dos princípios «elementares» do cristianismo. Para esses é que foi escrito este tratado, pois eram judeus cristãos. Acerca deles é que o autor sagrado se preocupava e a quem advertia, não visando algum grupo invisível e desconhecido de pessoas, que por acaso lesse este livro.

Mais duas explicações para Hebreus 6:4-6

Na forma de Adendo – Ou seja, vertem o parecer dos autores das obras citadas.

“Aviso contra a apostasia. O pecado voluntário que ameaçava os hebreus consistia em abandonar o Cristianismo e voltar ao judaísmo. Não há nenhum sacrifício em favor dos que apostatam da fé em Cristo — pela alma do homem só existe *um único sacrifício, o de Cristo*. Ora, se o sacrifício de Cristo é definitivo, também é o último. Rejeitá-lo voluntariamente implica ‘uma certa expectação horrível de juízo e ardor de fogo’. O autor não limita a eficácia da obra de Cristo em favor do penitente. Sob a Antiga Aliança, quem desprezasse a Lei de Moisés era punido com a morte. O mesmo princípio está em vigência, e com maior rigor ainda para quem apostatar da fé, pois constitui afronta a Cristo, à eficácia do seu sangue e um insulto ao Espírito Santo, através de quem a graça de Deus se manifesta sobre os tais pesa o juízo de Deus, *do qual ninguém pode escapar*”.

(Comentário Bíblico — Hebreus, CPAD, pág. 156).

“Continuar a pecar deliberadamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade é: (1) tornar-se culpado de pisar Jesus Cristo, tratá-lo com desprezo e menosprezar sua vida e morte; (2) ter o sangue de Cristo como indigno da nossa lealdade; e (3) insultar o Espírito Santo e rebelar-se contra Ele, o qual comunica a



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

graça de Deus ao nosso coração. 'O justo viverá da fé' (Hb 10. 38). Este princípio fundamental, afirmado quatro vezes nas Escrituras (Hc 2.4; Rm 1.7; Gl 3.11; Hb 10.38), governa o nosso relacionamento com Deus e a nossa participação na salvação provida por Jesus Cristo. (1) Esta verdade fundamental afirma que os justos obterão a vida eterna por se aproximarem fielmente de Deus com um coração sincero e crente (ver 10.22). (2) Quanto àquele que abandona a Cristo e deliberadamente continua pecando, Deus "não tem prazer nele" e incorrerá na condenação eterna (vv.38,39)" (**Bíblia de Estudo Pentecostal**, CPAD, pág. 1915).

Mais explicações para Hebreus 6:4-6

Na forma de Adendo – Ou seja, vertem o parecer dos autores das obras citadas.

(Hb NTLH 6:4-6)

4 Como é que as pessoas que abandonaram a fé podem se arrepender de novo? Elas já estavam na luz de Deus. Já haviam experimentado o dom do céu e recebido a sua parte do Espírito Santo. 5 Já haviam conhecido por experiência que a palavra de Deus é boa e tinham experimentado os poderes do mundo que há de vir. 6 Mas depois abandonaram a fé. É impossível levar essas pessoas a se arrependerem de novo, pois estão crucificando outra vez o Filho de Deus e zombando publicamente dele.

a) Um apelo urgente para o prosseguimento até à maturidade espiritual (Hb 5.11-6.12)

As verdades concernentes ao sacerdócio de Cristo, segundo a ordem de Melquisedeque, requerem exposição muito detalhada (11). Tais verdades são alimento sólido (12-14), que só pode ser compreendido ou digerido pelos que já estão espiritualmente maduros. O assunto inteiro, portanto, era difícil de ser esclarecido para aqueles leitores particulares visto que, embora já fossem Cristãos há bastante tempo, se tinham tornado relaxados e atrasados em sua resposta à palavra dada por Deus. Note-se os termos tardios em ouvir (#Hb 5.11) e indolentes (#Hb 6.12); Os oráculos de Deus (#Hb 5.12) provavelmente são palavras que, neste contexto, significam o Evangelho, cujos rudimentos são indicados em #Hb 6.1-2.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Essa mensagem e as Escrituras do Antigo Testamento são assim reputados ambos como declarações proferidas por Deus. Cfr. #Rm 3.1-2; #1Pe 1.23-25. Nos vers. 13 e 14, note-se o detalhado contraste entre os dois tipos ("adultos" e "bebês"), suas respectivas condições ("faculdades exercitadas" e "inexperiente"), e suas respectivas dietas ("alimento sólido" e "leite").

>Hb-6.1

Os crentes que se encontram nessa condição atrasada e indolente têm a urgente necessidade de despertarem-se a fim de avançarem ativamente em direção à maturidade, em lugar de tentarem repetir o processo de colocar novamente os fundamentos, isto é, os princípios elementares da doutrina de Cristo (1). Note-se a natureza básica das ações e doutrinas mencionadas nos vers. 2 e 3. Elas representam os passos que se espera que o novo convertido dê, bem como as verdades essenciais que lhe compete crer. A única salvaguarda contra o escorregar para trás e cair é o prosseguir para a frente. Isso requer ação deliberada e decisiva. Não obstante, paradoxalmente, deixemo-nos levar (1) está igualmente num verbo em voz passiva (cfr. #At 27.15-17; #2Pe 1.21). "O pensamento não envolve primariamente algum esforço pessoal, e, sim, rendição pessoal a uma ativa influência. O poder está operando; temos apenas de nos rendermos ao mesmo" (B. F Westcott, Hebrews, pág. 145). Cfr. #Ef 3.20; #Fp 2.13. Desse modo, o escritor exorta seus leitores a responderem a essa influência externa, e, no vers. 3, falando a seu próprio respeito, e não sobre outros, expressa a decisão de assim agir.

>Hb-6.3

Há uma qualificação necessária e muito solene. Os homens só podem agir assim se Deus permitir (3). Algumas ações, pela própria constituição divina das coisas, são moralmente "impossíveis" (4). Se os homens participam da Igreja visível, compartilhando de todas as bênçãos do Evangelho, se (à semelhança daqueles, por ocasião do livramento às margens do Mar Vermelho, que mais tarde pereceram mediante a incredulidade, no deserto) têm realmente estado na companhia de pessoas que têm experimentado as poderosas operações do Espírito de Deus, e assim têm por si mesmos "provado" (5) de Seu caráter, e depois deliberadamente se afastam e rejeitam a Cristo, é impossível dar início novamente ao processo no caso dos tais, renovando-os para o arrependimento. Tal como no caso daqueles que



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

falharam decisivamente, ou deliberadamente recusaram-se a responder positivamente à graça divina, nada mais resta para estes senão o julgamento. Cfr. #1Co 10.1-5 e, especialmente, #Lc 20.13-16. As Escrituras ensinam consistentemente que as mesmas ações da graça divina, que põem ao alcance dos homens a salvação e a vida, igualmente estabelecem a condenação final daqueles que, após terem compartilhado dessa revelação, rejeitam-na deliberadamente. Cfr. #2Co 2.15-16. Igualmente, é impossível, nos estágios iniciais, distinguir a diferença entre o trigo e o joio, ou entre a semente que se ressecará ou será sufocada e aquela que produzirá fruto para a vida eterna. Cfr. #1Co 10.12; #2Tm 2.18-19. O julgamento é determinado não pelo início, mas antes, pelo fim, isto é, pelo fruto (8). Eis porque o escritor sagrado tanto se preocupava que aqueles que tinham começado a experimentar a graça de Cristo, comprovassem a autenticidade de sua experiência prosseguindo até seu verdadeiro final. Cfr. #2Pe 1.5-11.

>Hb-6.4

Aqueles que uma vez foram iluminados (4). As palavras, uma vez sugerem certo aspecto absoluto e final, que indica algo feito de uma vez por todas, de tal modo que isso se torna necessariamente incapaz de repetição. Isso faz contraste com as palavras outra vez (6). Compare-se seu uso em #Hb 9.26,28; #Hb 10.2; #Hb 12.26-27. Aqueles que assim foram uma vez iluminados, nunca mais serão iguais àqueles que nunca receberam a luz. Caíram (6) significa não pecados grosseiros, mas antes, nada menos que apostasia deliberada, uma completa rejeição e execração à fé de Cristo. No que lhes diz respeito (isto é, para si mesmos), tais pessoas expulsam Cristo de suas próprias vidas, ou rejeitam Sua reivindicação de ser o Filho de Deus, por ação similar à daqueles que procuraram livrar-se dEle ao crucificá-Lo. Desse modo, expõem Cristo publicamente à vergonha. Ver também o Apêndice III, "As Passagens Admoestadoras".

>Hb-6.8

Após exibir tão solene quadro de condenação inevitável (8), o escritor Se apressa, movido por verdadeira afeição (somente nesta altura da epístola ele chama de amados os seus leitores), a assegurar a seus leitores que estava convencido que eles não se encontravam nesse estado desesperador (9). Por conseguinte, alguns comentadores consideram o tipo descrito nos vers. 4-8 como hipotético e não como real. Pelos vers. 10-12 aprendemos o que indica verdadeira vida espiritual e o que é necessário para o pleno progresso espiritual, a saber, a diligência, ou zelo todo-absorvente, no trabalho... do amor (10), isto é, o ministrar aos irmãos crentes por



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

amor ao nome do Pai, a "plena certeza da esperança" (11), na expectativa do cumprimento das promessas de Deus, bem como o persistente e paciente esperar da fé (12), até o dia em que nossa possessão seja realizada.

>Hb-6.13

b) Bases de confiança inspiradoras de constância (Hb 6.13-20)

As promessas de salvação feitas por Deus são ainda mais firmes por terem sido confirmadas por um juramento proferido pelo próprio Deus. Isso era verdade desde o princípio. Quando as promessas foram feitas a Abraão, Deus ao mesmo tempo jurou que as cumpriria (13-14). A confiança de Abraão na palavra de Deus capacitou o patriarca a suportar tudo pacientemente, até que a promessa se cumpriu. Pode-se aprender o significado da prestação de juramento pela prática de jurar que é comum entre os homens (16). O propósito do juramento é pôr fim a toda dúvida ou apreensão acerca de uma promessa e fazer calar todos quantos tentarem contradizer sua certeza. Sua veracidade e cumprimento certo, portanto, foram confirmados pelo mais solene dos compromissos. Isso comumente envolvia juramento pelo Todo-Poderoso. Quando os homens assim comprometem sua palavra um para o outro, virtualmente chamam a Deus para que sirva de mediador entre eles, como testemunha das promessas feitas (cfr. #Jz 11.10; #Rm 1.9) e para observar seu cumprimento (cfr. #Rt 1.17). Na qualidade de Alguém que é superior Ele é capaz de vingar-se se qualquer das partes contratadas deixar de cumprir sua palavra. Essa certeza da divina vingança torna o juramento de Deus como algo final como confirmação de promessas. A fim de tornar os homens duplamente certos acerca de Sua promessa, Deus condescendeu em usar esse método de prestação de juramento (17-18). Portanto, Ele se fez (visto não haver ninguém superior para quem fosse possível apelar) uma espécie de terceiro interessado ou mediador entre Si mesmo e os homens. Portanto, possuímos uma dupla base de confiança, em Deus, Aquele que promete e nos dá garantia em Sua palavra, e em Deus, Aquele que garante e nos confirma Sua promessa por meio de juramento. Conclui-se que não há possibilidade do indivíduo vir a ser enganado a respeito da promessa ou ficar desapontado a seu respeito.

>Hb-6.19

Temos por âncora (19) provê uma ilustração peculiarmente apropriada. Tratava-se de um símbolo reconhecido de esperança. Sugere a confiança de voltar-se para e apegar-se à confiança que se firmará e jamais falhará porque entra nas profundezas



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

invisíveis, o santo dos santos. Além disso, essa corrente de pensamento traz de volta às mentes dos leitores a pessoa de Jesus e seu ofício sumo-sacerdotal segundo a ordem de Melquisedeque (20), o grande tema acerca do qual o escritor já havia indicado grande desejo de expô-lo (#Hb 5.10-11). Jesus nos oferece nova esperança, visto haver entrado no santuário mais interno, não apenas a nosso favor (por nós), mas igualmente entrou como "precursor", abrindo o caminho para que O possamos seguir, para que desse modo chegássemos até à própria presença de Deus. Cfr. #Hb 7.19 e #Hb 10.19. Semelhantemente, como uma âncora, Ele nos oferece uma certa e absoluta confiança, visto que Ele habita no mais íntimo santuário da presença de Deus, ou seja, ali permanece entronizado, em contraste com os sumos sacerdotes segundo a ordem levítica, que eram instalados no ofício para posteriormente serem removidos por motivo de falecimento. Por isso é que Ele se tornou sumo sacerdote para sempre (20). É justamente essa qualidade eterna que distingue a ordem sacerdotal de Melquisedeque da ordem levítica de Aarão.

MAIS PASSAGENS ADMOESTADORAS

Ver #Hb 2.1-4; #Hb 3.7-4.1; #Hb 6.4-8; #Hb 10.26-31,38-39; #Hb 12.25-29. Na qualidade de judeus, aqueles cristãos hebreus estavam acostumados à idéia de uma sucessão de profetas e de uma continua repetição de sacrifícios pelo pecado. Precisavam tornar-se cônscios do caráter final e definitivo da revelação de Deus e da reconciliação a Deus outorgada aos homens através de Cristo. Visto que o Filho encarnado é a última palavra aos homens, e porque aos homens é oferecida em Cristo uma maravilhosa salvação, mediante a graça, aqueles que não Lhe dão ouvidos não podem esperar escapar do vindouro julgamento de Deus. Nenhuma palavra adicional de intervenção salvadora pode ser esperada da parte de Deus. Além disso, visto que o sacrifício de Cristo de Si mesmo foi uma realização decisiva e definitiva, não há mais oferta pelo pecado (#Hb 10.18) quer feita por Cristo, no céu, quer feita pelos homens, sobre a terra. Nem também pode haver repetição do sacrifício único de Cristo (#Hb 9.25-28), nem Deus jamais introduzirá outro sacrifício qualquer (#Hb 10.26). Esse sacrifício único pelo pecado, levado a efeito de uma vez para sempre, é todo-suficiente para sempre, para todo o povo de Deus (#Hb 10.10-14).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O desfrutamento dos benefícios do sacrifício de Cristo pelos homens é, semelhantemente, "de uma vez para sempre" (#Hb 6.4); é decisivo, final e eterno. Por conseguinte (seguindo certa interpretação sobre essa passagem) qualquer indivíduo que tenha sido conscientemente confrontado com essa oferta da graça, e compartilhou pessoalmente das provas de sua origem, para em seguida rejeitar deliberadamente o Evangelho de Jesus como o Cristo (naturalmente sem ter verdadeiramente crido e sido regenerado) não pode ser semelhantemente levado, segunda vez, à oportunidade de arrependimento e fé. Ou, alternativamente (seguindo outra interpretação), aqueles que têm experimentado todas as bênçãos características da graça salvadora de Deus, por meio do sacrifício expiador de Cristo e da operação do Espírito em seus corações, e então se afastam de tudo, tentando viver como se tais coisas não fossem reais nem jamais tivesse acontecido, não podem ser levados de volta, segunda vez, à reação cristã inicial e decisiva de arrependimento e fé. O significado de #Hb 6.6 pode ser que a mera sugestão que Cristo virtualmente necessita ser novamente crucificado, para trazer de volta tal apóstata ou desviado até o lugar do arrependimento decisivo e da revivificação do Espírito, é sujeitar a Cristo e à eficácia de Seu sacrifício único a uma ignomínia pública. O processo inteiro é inconcebível. Tal renovação de iluminação e arrependimento, portanto, é absolutamente impossível, tal como quando muitos israelitas se afastaram de Deus, devido à incredulidade, foi impossível levá-los desde o deserto até segunda experiência da páscoa e da travessia do mar Vermelho, a fim de despertar ou renovar sua fé. Para tais apóstatas ou incrédulos não havia, e continua não havendo, outra expectação além da do julgamento.

A espécie de fracasso que está aqui em jogo (para seguir determinada interpretação) é nada menos que um abandono consciente, deliberado e persistente do caminho cristão da salvação, um abandono que envolve nada menos que a apostasia do Deus vivo, rejeição da Palavra e testemunho confirmado de Deus-Pai Filho e Espírito Santo tratando o Filho de Deus como os judeus O trataram em Jerusalém, como Alguém que deveria ser renegado e crucificado, assim como que sujeitando-o publicamente à maldição do céu, negando a significação de aliança entre Deus e Seu sangue derramado, e insultando ao Espírito que, graciosamente, pleiteia junto aos homens para que reconheçam a Jesus como Senhor. Tais ações certamente são aquelas que nosso Senhor chamou de blasfêmia contra o Espírito Santo, que é um pecado eterno e jamais tem perdão (#Mc 3.28-29). Não obstante, era justamente a um pecado desse caráter que aqueles cristãos hebreus estavam expostos, já que estavam sendo tentados a retornar para onde estavam



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

anteriormente, no Judaísmo (embora fazer isso fosse realmente impossível), quando teriam de repudiar publicamente a Jesus como Messias e Filho de Deus.

Entretanto, é possível (seguindo-se uma interpretação alternativa) que o escritor sagrado estivesse preocupado em deixar claro, a seus leitores inquestionavelmente crentes, que sua presente tendência de se tornarem preguiçosos, acomodando-se a meio caminho da imaginada possessão do que sua fé em Cristo já lhes tinha proporcionado, era uma ilusão fatal. O motivo é que, para aqueles que assim deram início ao caminho do discipulado cristão, as únicas possíveis alternativas são: prosseguir até à plena possessão da herança da fé, ou recuar desse movimento para a frente de Deus em suas vidas e assim cair sob Seu inevitável julgamento, à semelhança dos israelitas, que se tornaram objetos da indignação de Deus e foram prostrados no deserto, visto que não se tinham preparado, mediante a fé em Deus, para prosseguir até à Terra Prometida. Nesse caso, a espécie de fracasso aqui em foco, é o fracasso daqueles que, tendo sido levados pela graça a uma relação de aliança com Deus, falham completamente em considerar com a devida seriedade seus admiráveis privilégios e grandíssimas obrigações. Se aqueles que já tinham sido redimidos do Egito, que deixaram de obedecer à palavra de Deus sob o primeiro pacto sinaítico, foram removidos em julgamento de entre a companhia do povo de Deus, não é justo que aqueles que deixam de responder favoravelmente às exigências do novo pacto em Cristo, devem com justiça esperar um tratamento ainda mais severo e drástico? Pois enquanto que, na vida cristã, a disciplina de Deus, ainda que dolorosa, é proveitosa e deve ser acatada como prova que Ele nos trata como a filhos Seus, tendo em vista o nosso progresso na santidade, pode alguma coisa qualquer ser mais terrível, na vida de quem, mediante a graça de Deus já é filho de Deus, do que, em relação à sua conduta terrena subsequente, Deus tenha de tratar com ele mediante um julgamento incandescente e até mesmo fatal?

As questões teológicas aqui envolvidas são se aqueles que assim estão na possibilidade de apostatar ou cair sob o julgamento de Deus foram alguma vez regenerados, ou Se qualquer homem, uma vez salvo, pode vir finalmente a perder-se. Em resposta a ambas as perguntas alguns dizem enfaticamente: "Não". Fazem comparação com os tipos mencionados em #Mt 7.22-23; #Mt 12.22-32. Argúem que a própria apostasia de tais indivíduos é prova que nunca foram regenerados. Mas outros afirmam que aqueles que são descritos em #Hb 6.4-5 certamente devem ser regenerados; pois nenhuma descrição mais inequívoca sobre alguém regenerado poderia ser apresentada. Alguns, então, argúem que o julgamento consequente contra sua completa degeneração e esterilidade espiritual não envolve



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

necessariamente a perda da eterna salvação. Estão, por exemplo, tão somente "perto da maldição" (#Hb 6.8). Cfr. #1Co 3.15; #1Co 5.5. Outros, ainda, supõem que essa sugestão que um indivíduo regenerado assim pode tornar-se apóstata e vir a finalmente perder-se, é realmente apenas hipotética e teórica. Até mesmo segundo o ponto de vista humano, isso é muito menos provável que o suicídio físico, e por isso deve ser considerado apenas como uma possibilidade remota; pois que, em realidade, olhando-se a questão do ponto de vista divino, mediante a graça tal possibilidade nunca pode tornar-se realidade. Ver #Jo 10.28.

Todavia, os crentes cristãos e todos que compartilham do conhecimento da verdade, fariam bem em tratar com a devida seriedade essas solenes advertências. Não nos esqueçamos do que escreveu João Bunyan: "Então vi que há um caminho para o inferno, partindo dos próprios portões do céu, bem como partindo da Cidade da Destruição". Relembremo-nos igualmente, que o apóstolo Paulo temia que, de alguma maneira, após haver ele pregado a outros, e sido usado para conduzir outros a Cristo, ele mesmo viesse a ser "desqualificado" (#1Co 9.27; o grego é, literalmente, "desaprovado", mas esta versão traduz admiravelmente bem o termo). Cfr. #2Pe 2.20-21.

A. M. STIBBS Rev. A. M. Stibbs, MA, DD Rev. E. F. Kevan, MTh



**Faculdade e Seminário
Teológico Nacional**

**Cursos Online de Teologia
Ensino à Distância**

Concordância:

Hb-6.4

É. #10.26-29; 12.15-17; Mt 5.13; 12.31,32,45; Lc 11.24-26; Jo 15.6; 2Tm 2.25; 4.14; 2Pe 2.20-22; 1Jo 5.16 uma vez foram. #10.32; Nm 24.3,15,16 e provaram. #Mt 7.21,22; Lc 10.19,20; Jo 3.27; 4.10; 6.32; At 8.20; 10.45; 11.17; Rm 1.11; 1Co 13.1,2; Ef 2.8; 3.7; 4.7; 1Tm 4.14; Tg 1.17,18 participantes. #2.4; At 15.8; Gl 3.2,5

Hb-6.5

provaram. #Mt 13.20,21; Mc 4.16,17; 6.20; Lc 8.13; 1Pe 2.3; 2Pe 2.20 os poderes. #2.5

Hb-6.6

renová-los. #4; Sl 51.10; Is 1.28; 2Tm 2.25 estão crucificando. #10.29; Zc 12.10-14; Mt 23.31,32; Lc 11.48 e expondo-o. #12.2; Mt 27.38-44; Mc 15.29-32; Lc 23.35-39

Fontes:

O Novo Comentário da Bíblia Editado pelo Prof. F. Davidson, MA, DD

Colaboradores Rev. A. M. Stibbs, MA, DD Rev. E. F. Kevan, MTh

Editado em português pelo Rev. Dr. Russell P. Shedd, MA, BD, PhD



**Faculdade e Seminário
Teológico Nacional**

**Cursos Online de Teologia
Ensino à Distância**